

FEV/2019 | N. 6 | A. 9

Periódico literário independente feito em
Curitiba-PR desde set/2010 • ISSN 2525-2704



RelevO

Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de

romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos:

nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

Imagens desta edição: As ilustrações desta edição são de autoria de Bolívar Escobar. Você pode conferir mais do trabalho dele em www.vinteventices.com

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Gisele Barão
Revisão: Mateus Senna
Projeto gráfico: Marceli Mengarda
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 28/01/2018

Fevereiro/2019

Disso de dinheiro

Entradas:

Assinantes: R\$ 200 Anna Shayeb; R\$ 100 Maria Zaclis; Lucas Sanches Lima; Richard Roch; R\$ 60 Marília Saenger Santos; Pedro Carrano; Sandro Dalpícolo; Fabíola Weykamp; R\$ 50 Alana Lima; Lucas Perito; Pedro Lemos; Camila Abrão; Lucio Autran; Rafael Gonsalves; Paulo Parucker; Ivan Jesus Junior; Guilherme Teodoro de Lima; Isabelle Kolb; Bernardo A. de Almeida; Patricia Hermann; Caio Yokota; Camila Asato; Fernanda Cercal Odppes; Barbosa Lagos; Marcella Lopes Guimarães; Aline Ruiz; Alan de Matos Silva; Alanna Ajzental; Pedro Barbosa; Munique Alvim; Tiago Ferrari; Cardial AV; Guilherme Ganem; Nelson Sabbagh; Guilherme Delgado; Enio Vermelho Jr.; Jeferson Bazilista; Xênia Mello; Eduarda Bitencourt de Oliveira; Gabriel Milani; Matheus Chequim; Helena Fernandes; Richard Plácido; Amanda Camargo; Bielli Araujo; Cel Bentin; Afonso Caramano; Maria Carol de Bonis; Felipe Gollnick; Shana Emanuelle Soares; Vitor de Lerbo; Carol Boscarski; Fernando Gimenez; Wesley Ferreira; Jucelia de Jesus Seixas; Francisco Mecking; R\$ 30 Elizabete Berberi; R\$ 25 Davi Cartes (Total: R\$3.195)

Anunciantes: R\$ 200 Cinthia Kriemler; Wilson Moreira; R\$ 100 William Soares; Editora Penalux; R\$ 50 Joaquim Livraria & Sebo; Estação Brasil; FISK; Banca Tatuí; KIKOS Bar (Total: R\$ 850)

Saídas:

Gráfica: R\$ 1.500 / Distribuição Curitiba, RMC & PG: R\$ 1000 / Material de escritório: R\$ 300 / Taxas PayPal & BB: R\$ 100 / Redes ditas sociais: R\$ 50
Concerto RelevO Móvel: R\$ 700
Domínio mensal e metafísico: R\$ 18
Edição-assistente: R\$ 100 / Revisão: R\$ 70
Diagramação: R\$ 100 / Empacotamento: R\$ 50 / Capa: R\$ 50 / Infografia: R\$ 70

Custos totais: R\$ 4.158
Receita total: R\$ R\$ 4.045

Balanço de janeiro de 2019: - R\$ 113

Dos leitores

SÓVENHA

Aguinaldo Bechelli Como sempre, bom **RelevO**, um jornal bem elaborado na forma e no conteúdo.

Gisela Johann Olá, **RelevO**: quando se vive uma determinada realidade parece que ela está em toda parte. Por exemplo, se você está grávida, parece que em todos os lugares que você entra tem mulheres grávidas ou mães com seus bebês já nascidos, multiplica-se o número de futuras mães. Para mim, acontece assim com a literatura, ela chega nas minhas mãos porque a vejo em todos os lugares, na internet me deleito em leituras agradáveis de literatura, críticas e pesquisas. E foi deste jeito que um contato de Facebook me convidou a assinar um jornal literário, porque, afinal, tanto ele como eu vemos possibilidade literária em tudo. Esse

contato, que a internet aproximou, é um dos editores do jornal e, de lá pra cá, tem jornal literário todo mês, tem leitura em casa, tem leitura para meus alunos adolescentes (e eles gostam, temos uma geração incrível chegando). Obrigada por fazerem parte do meu 2018.

Guilherme Carvalho Recomendo que deem uma olhada na proposta do **RelevO** e considerem a possibilidade de assiná-lo. É um jornal literário com uma excelente abordagem. Eu assinei, chega todo mês na minha casa e o conteúdo é muito bom.

Rafael Gonsalves Gosto muito do **RelevO**! Se me permitem uma opinião, estou sentindo falta dos anúncios desenhados à mão. Gostava deles. Gosto também do anúncio do allejo.com.br, embora o site não exista. Vou concordar com os comentários dos assinantes na última edição: vocês poderiam reajustar o valor de assinatura.

Da redação: Rafael, por incrível que pareça, os 50 reais da anuidade não nos dão prejuízo. Nossa fraqueza financeira está na relação entre anunciantes (poucos) e o custeio dos pontos de distribuição gratuita (muitos). É por aqui que acreditamos que deveria fluir a nossa logística. Abraços!

Paulo Parucker Beleza, meus caros, a água ainda não chegou na altura do nariz, portanto, siga no apoio, com prazer. Força aí, desanimem não. Tem hora pra tudo, e agora é hora de ninguém soltar a mão de ninguém, a não ser para, eventualmente, folhear um bom jornal de coisas estranhas e interessantes. E eu é que agradeço, obrigado mesmo. Um jornal estranho e

interessante, com um editor atencioso e laborioso: tudo de bom. Força aí, abração.

Lis del Barco Sempre fico orgulhosa do jornal, de receber, de ler, de fazer parte de alguma forma. Feliz 2019 para o **RelevO**. Que seja surpreendentemente bom!

Pedro Diniz de Araujo Franco **RelevO** é um jornal de elevado nível literário e publicado por jovens idealistas, trazendo modernidade à literatura. E eis que neste dia 5 de janeiro encontro ensaio de um octogenário sobre Artur da Távola. Editores, fiquei muito satisfeito e foi a alegria de começo de ano. Com meus agradecimentos e votos de continuação e na mesma linha editorial. Tudo de bom.

Airton Paschoal Das recomendações e avaliações: penso que o nome diz tudo, mas, tivesse embocadura política (não partidária), acrescentaria exponencialmente a relevância, pois a ausência dela o empobrece culturalmente; política sem cultura é um problema, mas cultura sem política... não cria problemas.

Ezequiel Silva Prezados, os tempos estão tão ruins que fica até difícil achar assunto (a não ser refalar que os tempos estão ruins... o que já cansou deveras). Boa sorte, continuo admirando o trabalho do **RelevO**.

Fernanda Dante Tá genial a edição de janeiro!

Viegas Fernandes da Costa Muito bacana e importante este reconhecimento da comunidade literária. Parabéns! O

RelevO e a dedicação e a seriedade do trabalho de vocês merece este e mais reconhecimento, da crítica e dos leitores.

Susanne Wehrs Pereira Panagoulías
Parabéns para toda equipe desse jornal incrível!

MARATONANDO

Henrique Jr. Seguindo minha maratona/ retrospectiva do jornal, não posso deixar de elogiar a (qual adjetivo usar?) instigante (pra dizer o mínimo) matéria sobre o cientista César Lattes assinada por Ana Lúcia Vasconcelos, seguida de entrevista resgatada. Mais: “Alguém se importa com a minha produção literária? Ninguém se importa com minha produção literária.” Vou acabar emoldurando algumas páginas centrais do jornal para pôr na minha parede. Algumas páginas centrais do periódico deveriam vir coladas. As boas, pra aumentar a expectativa, e as ruins com um “Eu avisei”. Por fim, “Edinaldo”, do Felipe Pauluk, é o melhor conto de Natal que você vai ler neste final de ano. Saiu na edição de janeiro de 2018.

NOVO OMBUDSMAN

Cleber Marinho Tomara que esse novo ombudsman não seja tão condescendente com o jornal...A gente quer ver o pau quebrar!

Ceres Postali Marcon Aguardando a próxima edição e a próxima coluna do Cezar Tridapalli.

Greicy Bellin Show! Não perderei uma única coluna! Boa sorte, Cezar Tridapalli!

BOAS NOVAS

Barbosa Lagos Jornal sensacional! Adorei. Recomendo!

Juliana — Coisasqueleio Chegou aqui em casa uma cortesia deste jornal independente publicado em Curitiba. Agradeço o envio já dizendo que li o exemplar de novembro e adorei! Lerei o de dezembro e tenho quase certeza que ficarei com gostinho de quero mais. E, provavelmente, resolveremos isso em 2019. Jornal impresso e independente é resistência (ops! Eles não gostam muito de usar essa palavra, se entendi bem). A edição de janeiro também chegou por aqui. Café da manhã regado com muita leitura boa. Super recomendo.

Ben-Hur Demeneck Conferindo o

primeiro **RelevO** do ano. Já gostei de ver edição bilíngue de poemas russos — Anna Akhmátova por Aurora Bernardini, de trecho de livro da Editora Kalinka.

Livraria Boto-Cor-de-Rosa O **RelevO** de janeiro chegou em Salvador! Esta edição, com uma bela capa de Kamila Oliveira, trouxe contos de Munique Duarte e Tobias Carvalho; Ben-Hur Demeneck sobre o trabalho de Marcelo D’Salete; poemas de Lourdes Teodoro e Ísis Odara; trecho do novo romance de Otto Leopoldo Winck; poemas de Anna Akhmátova traduzidos por Aurora F. Bernardini, e muito mais! As imagens dão umas pistas e indicamos ler esse ótimo jornal na versão impressa, que distribuímos gratuitamente aqui na Boto!

Camila Asato Na semana passada, recebi minha primeira edição do **RelevO**! É um jornal literário independente, e é de uma independência que salta aos olhos. O conteúdo é mais ácido do que de outros periódicos literários que eu conheço. Tem distribuição gratuita em vários locais e é produzido em Curitiba. Em dezembro, teve o notável “deslucro” de R\$ 48 (veja na segunda foto. Sério mano, como as pessoas sobrevivem?). A assinatura anual é de R\$50. Vamos incentivar a cultura independente nesse 2019? (Ah, se alguém souber, me explica como a cena literária em Curitiba tem se tornado tão forte? Não deve ser coincidência que o Rascunho também seja de lá.)

Patricia Brito Última pérola de 2018, o artigo de Guilherme Mazzafera na página 14 da edição de dezembro: “*A linguagem portuguesa, aqui no Brasil, está uma vergonha e uma miséria. [...] Empobrecimento de vocabulário, rigidez de fórmulas e formas, estratificação de lugares-comuns, como caroços no angu ralo, vulgaridade, falta do sentido de beleza, deficiência representativa. É preciso distendê-la, distorcê-la, obrigá-la a fazer ginástica, desenvolver-lhe músculos. Dar-lhe precisão, exatidão, agudeza, plasticidade, calado, motores. E é preciso refundi-la no tacho, mexendo muitas horas. Derretê-la e trabalhá-la, em estado líquido e gostos.*” (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 138)

Adriano Lopes Rossi Estou muito satisfeito com minha assinatura! A capa está interessante.

Daniela Pace Devisate Delicioso receber aqui o jornal, nessa ilha perdida...

OPA

Rafaela Souza Lembrei agora que o

meu exemplar ainda não chegou! Fiz a transferência dia 4 de dezembro. Estou viajando e, se ainda não tiver chegado, quando eu voltar falo com vocês.

UPDATE

Rafaela Souza Meu jornal chegoooooooo! Os correios daqui atrasaram um pouquinho e hoje, quando voltei da viagem, os meninos aqui da portaria me entregaram! Muito obrigada a vocês pela atenção e cuidado, viu? Já vou começar a leitura agora mesmo!

Editorial

Literatura e política caminham juntas desde o primeiro dia em que uma palavra juntada a outra incomodou alguém. Literatura e política a favor apenas reitera o que interessa ao carrasco. Nós, do **RelevO**, passamos muitos anos reclamando do nosso meio literário, das transformações, das dificuldades, das sentenças, dos escritores, dos editores (nós!) e dos carmas que rodeiam a produção mensal de um periódico de papel e de literatura. Seguiremos fazendo isso, talvez em um tom mais comedido. É o nosso jeito de estar no mundo.

Em tempo: desde setembro de 2010, são 117 edições, ininterruptas.

Quantas vezes pensamos em desistir? Todos os meses.

Deixemos pra lá.

O que nos interessa dizer hoje, neste auspicioso fevereiro de 2019, é que temos nossos vieses ideológicos, todos temos, e que seguiremos com algumas premissas a tiracolo, em busca de sobreviver como pudermos em meio ao severo deslocamento da realidade objetiva que assola a nossa contemporaneidade:

- Nunca aceitar dinheiro público;
- Nunca servir de palanque para manifestações político-partidárias;
- Nunca associar-se a empresas do meio literário que queiram misturar publicidade com editorial;
- Nunca esquecer de questões de gênero que impactam significativamente a distribuição de autoras e autores nos espaços literários;
- Reforçar a publicação de autores lusófonos, sobretudo africanos;
- Seguir com a prestação pública de contas e com o serviço de ombudsman. Aliás, seja bem-vindo, Cezar Tridapalli, nosso novo ocupante do cargo. Serão de seis a nove meses em que seremos vidraça mais uma vez. É assim desde 2014;

- Entender que o humor não precisa respeitar totens.

O filósofo francês Jacques Rancière dizia que a arte e a política têm em comum o fato de produzirem ficções. Acreditamos nisso. Mais: é a partir do humor que construiremos nossas narrativas para o tempo vindouro, pela lógica do absurdo, do inverossímil, do desconcertante etc.

Recentemente, João Pereira Coutinho, em sua coluna na *Folha de S. Paulo*, enfatizou que “quando se procura a verdade e, mais ainda, quando estamos convencidos de que só existe um caminho para a virtude, qualquer cabeça monista olha para o humor como uma ameaça”. O humor desestabiliza, condena quem condena, irrita.

É nisso que fiamos nosso estatuto: produção mensal de um jornal de literatura que busca rir de suas limitações, provocar seus pares e não estabelecer nenhum santo, sequer um vidro tem direito a ser considerar incólume. Queremos fugir da infantilização do mundo e das bolhas críticas que se reproduzem ao norte e ao sul. Certamente produziremos violações da moral e seremos acusados de uso indevido de certas ligações de palavras. Até mesmo produziremos mau gosto. Todos estarão certos.

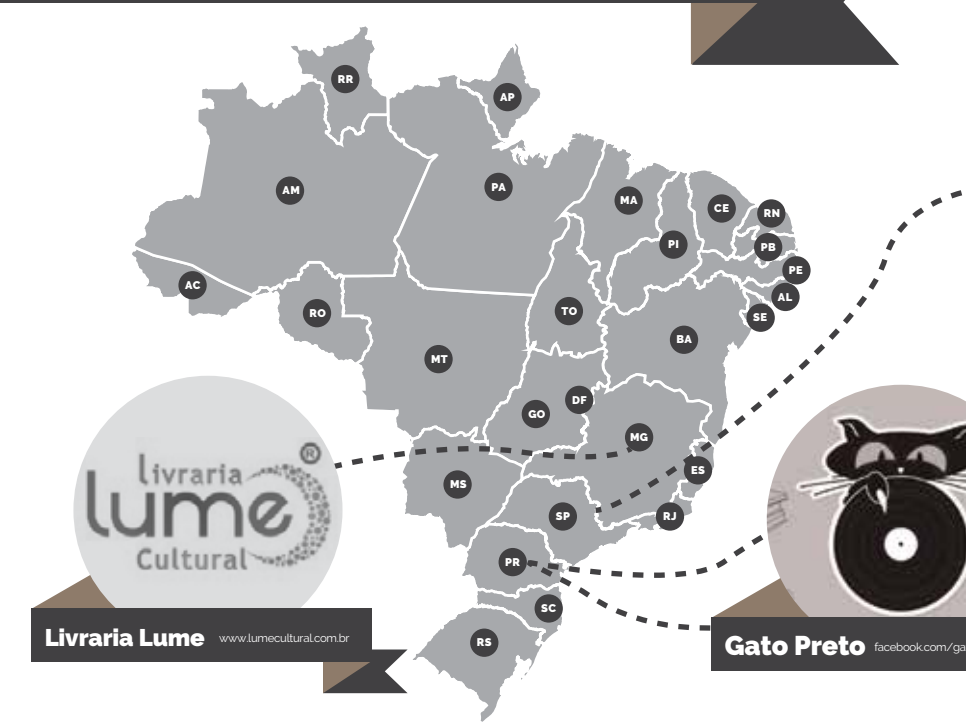
Não queremos ser um periódico insular em suas convicções, uma dieta previsível de alvos e de encantos.

Uma boa leitura a todos.

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil	
Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Íris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luís	
Ceará	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leonidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambao de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
Fortaleza	
S. G do Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Recife	
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Però
Oitinda	
Bahia	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Salvador	
Minas Gerais	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Belo Horizonte	
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachalioteca
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Rio de Janeiro	
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANN'S Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária Itema
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
São Paulo	
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Anverde Biblioteca Comunitária Cepimoteca Biblioteca Comunitária Chocolate Biblioteca Comunitária Círculo Biblioteca Comunitária Vianinha Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Porto Alegre	
Dist. Federal	Biblioteca Escolar e Comunitária da EQS 108/308
Brasília	

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
 ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Locais RelevAntes



Pontos de distribuição do jornal RelevO pelo Brasilão doido

Relief journal distribution spots around the Brazilian crazy lands

PARANÁ • **Curitiba** Agendarte Livros /Ao Distinto Cavalheiro / Ave Lola Espaço de Criação / Baba Salim / Bar Avenida / Bar Baroneza / Bar do Dante / Bar Omitorrinco / Bar Pedro Lauro / Bar Stuart / Bec Bar Lanchonete / Bisa Basilio Café / Bodeguilla / Botanique / Bristol Hotel / Brooklym Café / Café Avenida / Café Tiramisu / Café do Mercado / Café do MON / Café do Teatro / Café Lisboa / Café Mafalda / Café Mltre / Café do Viajante / A Caçara - Cozinha Litorânea / Capela Santa Maria / Caramelodrama / Casa das Bolachas / Casa Verde Beer Bar / Centro Europeu / Chelsea Café / Choripan / Creative Mornings / Dizzy Café Concerto / Doce Moreira Bistrô e Café / Empório Kaveh Kanes / ESA / Expresso Café / Faculdades Santa Cruz - Balcão / Fazenda Rancho Flora Café / Fingen Café / Fundação Cultural de Curitiba / Gerência Faraós do Saber / Galeria Ponto de Fuga / Hotel Slaviero Full Jazz / Iliban Comic Shop / Joaquim Livraria / Kapele Bar / Kikos Bar / Le Mundi Café Terapêutico e Livroteca / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chaim / Magnólia Café / Merceria Fantinato / Museu Oscar Niemeyer / Museu Guido Viaro / Nobresy Pan / O Torço Bar / Paniello / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / PUC - Letras / Rádio Cultura / Rause Café e Vinho / Restaurante Mamba / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Selvática Ações Artísticas / SINDUJOR / SISMUC / Solar do Barão / Supernova Coffee / Teatro Lala Schneider / Teatro SESI Portão / TUBOTECA / UNIBRASIL – Jornalismo / Universidade Tuiuti – Jornalismo / UP Mossungüê – Jornalismo / UP Santos Andrade – Recepção / UTFPR – Sala dos Professores / UFPR - Letras • **Araucária** Arquivo Histórico Municipal / ASPMA / Banda Municipal / Bar do Tiko / Câmara Municipal / Casa do Artesanato / Casa da Cultura / CEU / Colégio SESI / Duetto Café / Escola Municipal Terezinha Mariano Theobald / FANEESP / FISK / Loteria Zanello / Memorial de Araucária / Museu Tingui-Cuera / Núcleo Cultural do CAIC / Panificadora El Grano / Papelaria EBG / Panificadora Sol / Prefeitura Municipal / Rádio Iguaçu / Secretaria de Cultura / SISMAR / Teatro da Praça • **Campo Largo** Inspirarte Centro Cultural / Museu Municipal • **Castro** Espaço Cultural Casa da Praça / Casa da Cultura Emilia Erichsen • **Contenda** Escola Municipal Vanilda Dzierva / Panificadora Gaspar / Panificadora Schinda / Prefeitura Municipal • **Cruzzeiro do Sul** Espaço Cultural Prefeito Tomoyuki Harada • **Fazenda Rio Grande** Vó Nita Pães e Doces / Café Coração • **Guarapuava** Gato Preto Discos & Livros / UNICENTRO • **Lapa** Centro Receptivo Turístico / Livraria & Papelaria Nanise / Mundo da Leitura / Panificadora Zeni • **Londrina** UEL / Coletivo Versa / Livraria da Silvia / Nosso Sebo • **Lunionópolis** Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Lupionópolis • **Palmeira** Supermercado Eurich / Secretaria de Educação / Secretaria de Esporte e Cultura • **Pinhais** Livraria Café Com Letras • **Piraquara** Livrarias Nobre Cultura • **Ponta Grossa** Livraria e Papelaria Universo da Leitura / UEPG - Jornalismo e Letras / Verbo Livraria 1 e 2 • **Santa Isabel do Ivaí** Secretaria de Educação e Cultura de Santa Isabel do Ivaí • **São José dos Pinhais** SESI / Secretaria de Cultura / Livraria Café Com Letras / Museu Atílio Rocco / Freguesia do Livro - Shopping São José • **Umuarama** Restaurante e Lanchonete Tio Patinhas • **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** UFSC / Livraria Livros & Livros / CIC / Sebo Ilha das Letras Florianópolis • **Blumenau** FURB - Departamento de Letras; Divisão de Cultura / Greenplace / Livraria Blulivro • **Brusque** Livraria Saber • **Caçador** Livraria Selva • **Itaipópolis** Centro de Recepção de Visitantes • **Itajaí** Univalve • **Jaraguá do Sul** Bar do Nens • **Joinville** Barba Ruiva Livros & Discos / Univilve • **Mafra** Restaurante Amora Sustentável / SESC • **São Bento do Sul** Dom Quixote Livros • **São José** Sebo Ilha das Letras São José • **Tabaão** Libretto Livraria • **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Livraria Bambolétras / Café Cartum / Café República / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria • **Bento Gonçalves** Dom Quixote Livraria & Cafeteria • **Caxias do Sul** Dulce Amore Café & Algo Mais • **Frederico Westphallen** Vitrola • **Santa Cruz do Sul** Casa das Artes Regina Simonis • **Santa Maria** Athena Livraria • **São Francisco de Paula** Miragem Livraria • **SÃO PAULO** • **São Paulo** ABER - Associação Brasileira de Encadernação e Restauro / Banca Curva / Banca Taui / Bbooks Livraria SP / Café Raiz / Casa das Rosas / Casa do Povo / Casa Guilherme de Almeida / Cemitério de Automóveis / Comix Book Shop / Desculpe A Poeira / Escola Macunaíma de Teatro / Escrevedeira / Estúdio Lâmina / Faculdade Sumaré-Letras / Galeria Hipotética / IMS / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Reserva Cultural / Livraria Zaccara / Matilha Cultural / PUC Sumaré-Letras / SESC Pompeia / Tapera Taperá / Teatro do Centro da Terra / Teatro São Pedro / UGRA PRESS • **Araçatuba** Sebo Dom Quixote • **Araçuaçu** Casa da Cultura / Palacete das Rosas • **Botucatu** Sebo Alfarfábio • **Campinas** Torta • **Campos do Jordão** Livraria Jaguaribe • **Francia** Confraria Cult • **Guarulhos** Livraria Guarulvicos • **Jundiaí** Rosa Café • **Piracicaba** Sebo do Formiga • **Ribeirão Preto**

Fundação Observatório do Livro e da Leitura / Livraria Travessa Ribeirão • **São João de Bela Vista** Bagagem Leve Sebo & Livraria • **Santo André** Gambalaia Espaço de Artes e Convivência • **Taubaté** Sebo Estação Cultural • **RIO DE JANEIRO** • **Rio de Janeiro** Academia Brasileira de Letras / Belle Epoque Discos e Livros / Bbooks Livraria / Casa do Choro / Espaço Olto e Meio / Espaço Saracvra / Livraria da Editora da UFRRJ / Livraria Leonardo da Vinci / Livraria Universo Centro Cultural / Observatório de Imprensa / Plástico Bolha • **Itaipava** Livraria e Bistrô de Itaipava • **Paraty** Café Pingado / Casa da Cultura de Paraty / Livraria de Paraty / Teatro Espaço • **ESPIRITO SANTO** • **Vitória** Torre de Papel • **Guarapari** Banca da Lua • **São Mateus** Livraria Sebo & Arte • **Três Rios** Livraria Favorita • **GOIÁS** • **Goianíia** Evõe Café Com Livros / Livraria Palavras • **MINAS GERAIS** • **Belo Horizonte** Emergência do Livro / Ateliê Estratégias Narrativas / Café 104 / Espaço Guajá / FALE (Faculdade de Letras UFMG) • **Itajubá** Lume Livraria / Sebo Bis • **Juiz de Fora** Espaço Escalbur / FLUX • **Uberlândia** UFU • **DISTRITO FEDERAL** • **Brasília** Banca da Conceição / Caixa Cultural / Ernesto Cafés Especiais / Livraria, Café e Bistrô Sebhino / Rapport Cafés Especiais e Bistrô • **Celiândia** Projeto Jovem de Expressão • **Taguatinga** ONG Moradia e Cidadania • **MATO GROSSO** • **Cuiabá** Metade Cheio • **MATO GROSSO DO SUL** • **Campo Grande** Livraria LeParole • **ALAGOAS** • **Maceió** Casa de Cultura Luso-Brasileira • **BAHIA** • **Salvador** Livraria Boto-Cor-de-Rosa / Livraria e Distribuidora Multimacip • **CEARÁ** • **Fortaleza** Livraria Lamarca / Sebo Ellenia • **PARAÍBA** • **João Pessoa** Centro Cultural Espaço Mundo / Viveiro Pirata / Quintal Armorial / A Budega Arte Café / Usina Cultural Emergência • **Cajazeiras** Livraria Universitária • **CZ** • **PERNAMBUCO** • **Recife** A Vida E Bela Café / Borsoli Café Clube / Centro Cultural Raimundo Carrero / Clandestino Café / Lalá Café & Cozinha Afetiva / Livraria Idéia Fixa / Malakoff Café • **Garanhuns** Livraria Casa Café • **Olinda** Sebo Casa Azul • **Salgueiro** Capabella Sebo • **PIAUÍ** • **Teresina** Casa da Cultura / Café da Gota Serena / Espaço Artístico e Galeria Sobrado / Espaço Galpão • **SERGEPE** • **Aracaju** Livraria Escariz • **AMAZONAS** • **Manaus** O Alienígena Acervo e Espaço Cultural • **PARÁ** • **Belém** Fox Vídeo • **MARANHÃO** • **São Luís** AMEI - Associação Maranhense de Escritores Independentes / Academia Ludovicense de Letras / Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro

Projeto Adote uma Biblioteca

Adopt Some Library project

PARANÁ • **Curitiba** Biblioteca da SEPT / Biblioteca da UniAndrade / Biblioteca da Universidade Tuiuti / Biblioteca da UP / Biblioteca da UTFPR / Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR / Biblioteca do Bosque Alemão / Biblioteca do Colégio da Polícia Militar do Paraná / Biblioteca do Paço / Biblioteca Graciosa Country Club / Biblioteca Hideo Handa / Biblioteca Pública do Paraná / Bondinho da Leitura / Casa da Leitura Augusto Stresser / Casa da Leitura Dario Vellozo / Casa da Leitura Hilda Hilst / Casa da Leitura Maria Nicolas / Casa da Leitura Laura Santos / Casa da Leitura Manoel Carlos Karam / Casa da Leitura Marcos Prado / Casa da Leitura Paulo Leminski / Casa da Leitura Vladimir Kozák / Casa da Leitura Walmor Marcelino / Casa da Leitura Wilson Bueno / Casa da Leitura Wilson Martins / Farol das Cidades / Farol do Saber Antônio Machado / Farol do Saber Aparecido Quinaglia / Farol do Saber Aristides Vinholes / Farol do Saber Emilio de Menezes / Farol do Saber Frei Miguel Bottacin / Farol do Saber Gibran Khalil / Farol do Saber Machado de Assis / Farol do Saber São Pedro e São Paulo / Farol do Saber Tom Jobim / Gerência Faraós do Saber / Gibteca Jardim Pinheiros • **Adrianópolis** Biblioteca Cidadã Helena Kolody • **Ampere** Biblioteca Cidadã Professora Cremilda Viana / Arapongas Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis • **Araucária** Biblioteca Pública Emiliano Pernetta / Casa das Palavras Brincantes • **Cambé** Biblioteca Pública de Cambé • **Campo Largo** Biblioteca Pública Municipal Dr. Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo • **Campo Mourão** Biblioteca da Indústria do Conhecimento • **Cantagalo** Biblioteca Pública Municipal Valdemir José Bona • **Cascavel** Biblioteca Pública Sandálio dos Santos • **Castro** Biblioteca Cidadã Prof.ª Nelsi Kugler • **Contenda** Biblioteca Pública Municipal • **Doutor Camargo** Biblioteca Cidadã Professora Eliza Regina Castanheira de Santana • **Guarapuava** Biblioteca Municipal Padre Ruiz de Montoya / Biblioteca do Centro de Artes e Esportes Unificados - CEU • **Lobato** Biblioteca Municipal Castro Alves • **Londrina** Biblioteca Municipal de Londrina • **Marechal Cândido Rondon**



Biblioteca Cidadã Alice Weirich • **Maringá** Biblioteca Prof. Bento Munhoz da Rocha Netto / Gerência do Livro, Leitura e Literatura de Maringá • **Maripá** Biblioteca Pública Cidadã Prof. Marlene Alenbrant • **Nova Fátima** Biblioteca Cidadã de Nova Fátima • **Ourizona** Biblioteca Cidadã Prof.ª Ivete Aparecida Zaninello Boson • **Palmeira** Biblioteca Municipal Moisés Marcondes • **Pato Branco** Biblioteca Municipal de Pato Branco • **Piên** Biblioteca Municipal Professora Helena Braun / Biblioteca Pública Municipal de Piên A/C Eber Godoi • **Pinhais** Biblioteca Pública de Pinhais • **Ponta Grossa** Biblioteca Pública Municipal Professor Bruno Enel • **Pontal do Paraná** Biblioteca Pública Municipal Abílio João Vizzotto • **Rio Branco do Sul** Biblioteca do Colégio Manoel Borges de Macedo • **Rolândia** Biblioteca Cidadã Michael Trauman / Biblioteca Professor Eduardo Kasperski / Biblioteca Professor José Antônio Goria / Biblioteca Pública Rui Barbosa / Biblioteca SESI Indústria do Conhecimento • **Santa Mariana** Biblioteca Pública de Santa Mariana • **Terra Boa** Biblioteca Cidadã de Terra Boa • **Teixeira Soares** Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares • **Tibagi** Biblioteca Pública Municipal Historiador Luiz Leopoldo Mercer • **Toledo** Biblioteca Pública Municipal de Toledo • **União da Vitória** Biblioteca IFPR de União da Vitória • **SANTA CATARINA** • **Florianópolis** Biblioteca Pública de Santa Catarina • **Blumenau** Biblioteca Municipal Dr. Fritz Müller / Biblioteca Universitária da FURB • **RIO GRANDE DO SUL** • **Porto Alegre** Biblioteca Pública do Estado do RS • **Anta Gorda** Biblioteca Pública Municipal Cecília Meireles • **Pelotas** Biblioteca Pública Pelotense • **SÃO PAULO** • **São Paulo** Biblioteca Pública Alceu Amoroso Lima / Biblioteca Mário de Andrade / Biblioteca de São Paulo / Biblioteca Parque Villa-Lobos • **Arujá** Biblioteca Municipal de Arujá • **Taubaté** Coordenadoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da UNITAU • **RIO DE JANEIRO** • **Niterói** Biblioteca Popular Anísio Teixeira • **ESPIRITO SANTO** • **Vila Velha** Biblioteca Pública Municipal Vila Velha • **MINAS GERAIS** • **Juiz de Fora** Biblioteca Pública Murilo Mendes • **Itulutaba** UFU - Biblioteca Setorial Itulutaba • **Monte Carmelo** UFU - Biblioteca Setorial Monte Carmelo • **Patos de Minas** UFU - Biblioteca Setorial Patos de Minas • **Uberlândia** UFU - Sistema de Bibliotecas / UFU - Biblioteca Central Santa Mônica / UFU - Biblioteca Setorial Umuarama / UFU - Biblioteca Setorial Educação Física / UFU - Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas • **BAHIA** • **Salvador** Biblioteca Betty Coelho / Biblioteca Pública do Estado da Bahia • **Caxias** Biblioteca Pública Odýlo Costa • **CEARÁ** • **Fortaleza** Biblioteca Comunitária Livre Curio • **PERNAMBUCO** • **Recife** Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaeiras • **PIAUÍ** • **Teresina** Biblioteca Pública Estadual Desembargador Cromwell de Carvalho • **ACRE** • **Rio Branco** Biblioteca Estadual do Acre • **MARANHÃO** • **São Luís** Biblioteca Pública Benedito Leite / Biblioteca Central da UFMA • • **Caxias** Biblioteca Pública Odýlo Costa • **PARÁ** • **Belém** Biblioteca Comunitária Antonio Tavernar • **RORAIMA** • **Boa Vista** Biblioteca Pública do Estado de Roraima • **TOCANTINS** • **Palmas** Biblioteca Pública Municipal Jaime Câmara Cortesia

APOIATCHËLLIS

Alexandre Guarnieri	Rio de Janeiro
Maurício Limeira	Rio de Janeiro
Ana Paula Oliver	São Paulo
Lis del Barco	São Paulo
Maria Carolina de Bonis	São Paulo
Tchello Barros	São Paulo
Daniel Osiecki	Curitiba
Flavio Jacobsen	Curitiba
Jaciara Carneiro	São José dos Pinhais
Joseani Ribas	Curitiba
Mara Lima	Curitiba
Samantha Abreu	Londrina
Jeison Giovani Heiler	Jaraguá do Sul
Dinovaldo Gilioli	Florianópolis
Demétrios Galvão	Teresina
Joseani Netto	Santos Dumont

APOIADORES são assinantes do RelevO que nos auxiliam na divisão de custos da distribuição, levando o nosso periódico até cidades onde as nossas mãos não alcançam.

(des)confiança

OMBUDSMAN – Cezar Tridapalli

Na metade final da década de 1990 eu começava a vida profissional a que sou ligado até hoje: o trabalho com literatura. Foi nessa época que assinei pela primeira vez um jornal, a *Folha de São Paulo*, quando eu vivia o auge 1) do combate em favor da leitura e 2) do sentimento escandalizado: como podia haver professor que sequer lia jornal?

Meu critério de avaliação da *Folha* não era muito especializado: o jornal era tanto melhor quanto mais as reportagens, crônicas, ensaios etc. confirmavam aquilo que eu pensava e expandiam unilateralmente meu universo de argumentos para enfiar na cabeça dos alienados. Afinal, quem não sabe que alienado é todo aquele que pensa diferente?

No meio de tanto texto, semanalmente vinha a coluna do ombudsman (ômbudsman ou ombúdsman?). Era um caroço no meio da polpa, um ruído no tom do jornal, que passava a semana falando mal dos outros e fazendo propaganda de si mesmo. De repente, uma fissura abstrusa fazia brotar um texto falando mal do próprio jornal. Uma coluna na contramão do fluxo. E nunca é fácil andar na contramão. No mundo dos automóveis, estar na contramão significa atenção dobrada para não bater; e tentar sair assim que possível. Já o ombudsman precisa continuar ali. E bater.

O ombudsman é o sujeito chamado para desconfiar do jornal, mas é dele — ombudsman — que todo mundo desconfia. Não seria ele apenas um

panegírico com meios reversos, tipo a figura a quem se pede para falar dos próprios defeitos e ela diz que é sincera demais, organizada demais, perfeccionista demais (chata demais ela não diria)? Não seria a pessoa física do ombudsman um compadre do editor-chefe, até padrinho dos filhos? Ou, na outra ponta da desconfiança: quem é esse sem-noção que fala mal do meu jornal, que avaliou mal uma das minhas pautas preferidas?

Quando fui convidado para ser o ombudsman do **RelevO** durante algumas edições de 2019, fiquei pensando, pensando. Coloquei minha autoconfiança na pauta e fiz o ombudsman de mim mesmo. O resultado foi terrível: febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos. E a certeza de que era incapaz.

Ao mesmo tempo, janeiro não é o mês das grandes esperanças e decisões equivocadas? Aceitei.

Como exigência, toalhas brancas, amoras silvestres e espumantes (brut). E que as edições seguintes do **RelevO** sejam meio ruins, pra eu ter assunto.

Agradeço a (des)confiança.

livros | vinis



Joaquim
Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria



ADVOCACIA

CONSUMIDOR – CÍVEL – FAMÍLIA
CONTRATOS – TRABALHISTA

Bruno César Deschamps Meirinho
OAB/PR 48.641

AV. CÂNDIDO DE ABREU, 526, 1506-TORRE B
CENTRO CÍVICO, CURITIBA-PR

(41) 3039 1922 – (41) 984 405 050 – CONTATO@MEIRINHO.ABV.BR

FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Boris Pasternak

Do livro *Poesia russa: seleta bilíngue* (Kalinka, Hedra, 2016)

Tradução: Aurora Fornoni Bernardini

Notas bibliográficas: Daniela Mountian

Boris Pasternak (1890-1960), de origem judaica, nasceu em Moscou. Filho do pintor Leonid Pasternak e da pianista Rosália Kaufman, passou a infância num ambiente artístico. Depois de abandonar a ideia de ser músico, ingressou, em 1908, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Moscou, tendo passado um semestre em Marburgo, na Alemanha, estudando Hegel e Kant, mas não concluiu o curso universitário.

Sua primeira coletânea de poemas, *Gêmeo na nuvem*, foi publicada em 1913, um ano antes de o poeta se reunir a *Tsentrifuga*, uma corrente moderada do futurismo russo. Apesar de sua poética nunca ter se voltado, de fato, para as vanguardas, sua produção inicial conserva alguns elementos da época. Na realidade, Boris Pasternak não pode ser limitado a um estilo, trazendo marcas de várias escolas, mas, à diferença dos jovens vanguardistas de seu tempo, ele nunca repudiou os clássicos e manteve-se longe das experiências linguísticas radicais dos cubofuturistas.

Em 1917, no ano em que conheceu

Maiakósvki (encontro que o marcou profundamente), Pasternak lançou *Além das barreiras*, antologia que lhe trouxe reputação de grande poeta. Quanto à Revolução de 1917, ele entusiasmou-se com a promessa de transformação, mas depois rejeitou os acontecimentos que a seguiram, encontrando dificuldades para publicar seus trabalhos e protestando contra a prisão de seus amigos na época do grande expurgo.

Pasternak foi também um exímio tradutor, atividade que o ocupou em meados dos anos 1930 — verteu para o russo obras de Shakespeare e de Goethe. Depois da Segunda Guerra Mundial, dedicou-se à prosa, desejo que sempre acalentara. O Doutor Jivago, romance que o consagrou no ocidente — pelo qual, em 1958, recebeu o Nobel de Literatura (prêmio que o escritor foi obrigado a recusar) —, redigido de 1946 a 1955, foi lançado primeiramente na Itália, enquanto na Rússia só saiu em 1988. Hoje, Boris Pasternak é considerado um dos escritores clássicos em seu país.

Я кончился, а ты жива.
И ветер, жалуюсь и плача,
Раскачивает лес и дачу.
Не каждую сосну отдельно,
А полностью все деревья
Со всею далью беспредельной,
Как парусников кузова
На глади бухты корабельной.
И это не из удалства
Или из ярости бесцельной,
А чтоб в тоске найти слова
Тебе для песни колыбельной.

Definho, mas tu estás viva.
E o vento que chora e lamenta,
O bosque e a casa acalenta.
Não cada pinheiro isolado,
Mas no conjunto lá estão
Com a lonjura ilimitada
De cascos de embarcação,
Na face limpa da enseada.
E isso não por presunção
Ou por calor desazado,
Mas para dar na aflição
Palavra, a teu sono embalado.
<1953>

Быть знаменитым некрасиво.
 Не это подымает ввысь.
 Не надо заводить архива,
 Над рукописями трястись.

Цель творчества — самоотдача,
 А не шумиха, не успех.
 Позорно, ничего не знача,
 Быть притчей на устах у всех.

Но надо жить без самозванства,
 Так жить, чтобы в конце концов
 Привлечь к себе любовь пространства,
 Услышать будущего зов.

И надо оставлять пробелы
 В судьбе, а не среди бумаг,
 Места и главы жизни целой
 Отчеркивая на полях.

И окунаться в неизвестность,
 И прятать в ней свои шаги,
 Как прячется в тумане местность,
 Когда в ней не видать ни зги.

Другие по живому следу
 Пройдут твой путь за пядью пядь,
 Но пораженья от победы
 Ты сам не должен отличать.

И должен ни единой долькой
 Не отступить от лица,
 Но быть живым, живым и только,
 Живым и только до конца.

Ser famoso nada tem de bonito,
 Nem levanta ninguém até as alturas.
 Não é preciso vasculhar arquivos,
 Abasbacar-se sobre manuscritos.

Dar-se é a finalidade da criação,
 Não o sucesso ou o sensacionalismo.
 É vergonhoso, além de sem sentido,
 Ser na boca de todos — falação.

É bom viver sem enaltecimento,
 Viver de um jeito, no final das contas,
 A atrair a si o amor do firmamento,
 E ouvir, isso sim, as vozes do porvir.

É bom deixar lacunas no destino
 E não por entre as folhas de papel,
 E assinalar o título e as passagens
 Da vida inteira, em notas sobre as margens.

Deve-se mergulhar no anonimato,
 E tratar de esconder o seu caminho,
 Como se esconde a vila na neblina,
 Quando sequer se enxerga o seu nariz.

Outros irão por sua pegada viva
 Seguir o rumo que você deixou,
 Mas você mesmo não diferencie
 Da derrota, a vitória a que chegou.

E não deve nem em pequena parte
 Renunciar a seu rosto, tal e qual,
 Mas procurar ser vivo, vivo, só
 Vivo e somente vivo até o final.

<1956>

“Demarcação já” para a aldeia global

MAIDAN – Ben-Hur Demeneck



Na HQ *Xondaro* (Elefante, 2016), Vitor Flynn trata da luta dos Guarani Mbyá pela demarcação de suas terras dentro dos limites da maior cidade da América do Sul — São Paulo. O clímax da história remonta episódio ocorrido antes do jogo de abertura da Copa do Mundo de 2014, na Arena Corinthians.

Quando as câmeras enquadraram Werá Jeguaká Mirim para ilustrar como diferentes etnias compunham a cordialidade brasileira, o jovem tira do calção uma faixa e com ela protesta em tempo real para todos os continentes: “Demarcação Já”. Pouco depois, o camisa 6 Marcelo marcaria gol contra aos 11 minutos de jogo por desviar cruzamento do croata Olic.

Se o primeiro revés no placar prenunciaria um vindouro 7 x 1, fora de campo a tragédia ultrapassava a dimensão do simbólico: apenas em 2014, o Brasil confirmaria 138 assassinatos contra indígenas, segundo dados do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Em 2018, o mesmo órgão divulgaria que 64% das 1.306 terras reivindicadas por povos indígenas apresentam pendências com o Estado para finalizar o processo demarcatório.

O quadrinista e ilustrador Vitor Flynn Paciornik é formado em Artes Plásticas e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Ele mantém desde 2013 o blog autoral *Quadrinhos B*, dedicado a histórias curtas. Está no momento concluindo seu segundo álbum, *A noite*, adaptação de conto homônimo de Guy de Maupassant, que deve sair pela Editora Sesi-SP. Quanto a Werá Jeguaká Mirim, ele hoje se dedica ao rap. Apresenta-se como Kunumi MC (confira no YouTube o clipe de “O Kunumi chegou”).

O livro trabalha como ponto alto da narrativa o momento em que jovem Guarani Mbyá mostra faixa pedindo demarcação das terras de seu povo na abertura da Copa do Mundo no Itaquerão. O que essa cena se relaciona com os significados da palavra Xondaro?

Xondaro é uma palavra de múltiplos significados. Ela engloba tanto a dança e aquele ou aquela que a pratica quanto sua posição dentro da comunidade como sendo uma espécie de guardião ou protetor. O momento em que Werá Jeguaká Mirim abriu aquela faixa no Itaquerão simboliza, de certo modo, toda uma luta que se dá em termos próprios, de acordo com um forma de

viver, de estar no mundo. O que nós quisemos foi justamente dar destaque para como a luta e a resistência guarani se dão a partir de seus próprios termos, dessa forma de estar no mundo.

Que técnicas de desenho você empregou em Xondaro?

O livro foi pintado inteiro em aquarela por sobre o lápis, que fica visível no resultado final. Depois, houve arte-final por cima com bico de pena e nanquim. É uma forma de trabalho que uso pouco hoje. Foi uma das minhas primeiras incursões em uma narrativa mais longa e estava preocupado em conseguir estabelecer um ritmo de trabalho viável com os prazos que nós tínhamos.

E quanto à sua fase de pesquisa, qual foi sua maior descoberta?

A pesquisa e a elaboração do roteiro foram, provavelmente, a parte mais difícil do trabalho, tanto porque tinha pouca experiência como roteirista quanto pelo desafio de dar conta de uma realidade muito complexa sem ser simplista e tentando não reproduzir opressões — que, queiramos ou não, carregamos em nós. Tentei ler, ver e consultar a maior quantidade e variedade de material que consegui, e, principalmente, conversar com as lideranças e pessoas da comunidade, dentro dos limites dados. Poder ir nas aldeias e ver em primeira mão como a luta está imbricada numa vivência cotidiana, e uma vivência que se dá a partir da relação com o território — e isso dentro de uma cidade como São Paulo —, talvez tenha sido o maior encanto do trabalho.

Você já apresentou seu trabalho para a comunidade retratada em Xondaro. Quando realizou essa atividade? Qual a reação deles?

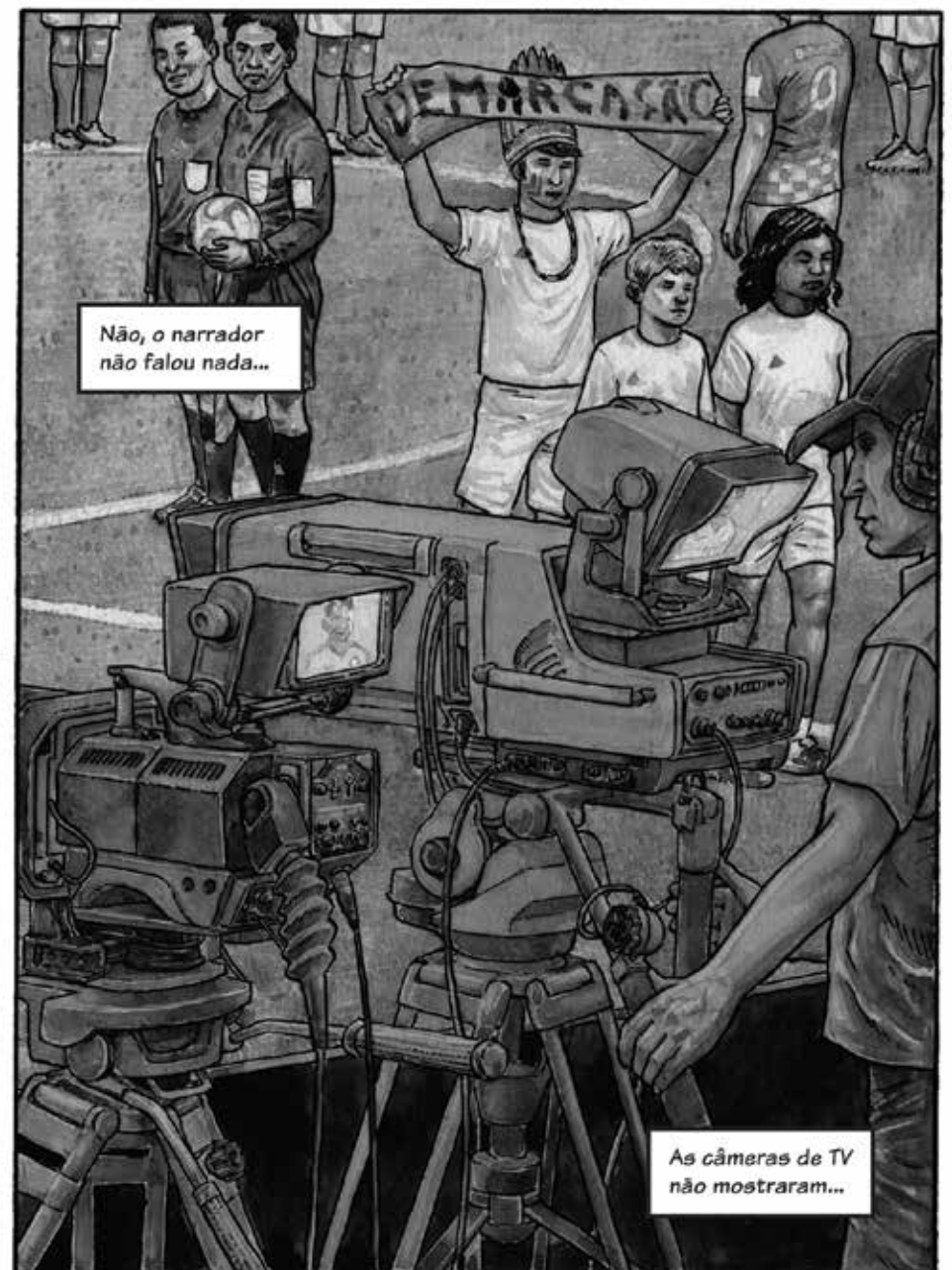
Sim. O primeiro lançamento que fizemos foi justamente na aldeia Tenondé Porã, durante Assembleia da Comissão Guarani Yvyrupa, com lideranças guarani de vários lugares das regiões Sul e Sudeste. O livro circulou também no Acampamento Terra Livre, que congrega povos indígenas do país inteiro. A recepção sempre me pareceu muito boa. Foi uma grande satisfação ver as pessoas lendo o livro em pequenos grupos, comentando, discutindo e se identificando — acredito. Mas um

dos momentos mais legais foi numa reunião que participei, por conta de outro projeto, na aldeia no Jaraguá. Por acaso, a reunião aconteceu numa escola e pude ver o professor indígena usando o termo *Xondaro* em sala de aula. Nosso intuito foi desde o começo fazer um material que pudesse ser apropriado pela comunidade ao mesmo tempo que dialogasse com um público o mais amplo possível, como uma pequena tentativa de somar à divulgação da luta guarani — dentro das nossas limitações, claro. Eu fico muito contente com as repercussões que pude acompanhar.

Você tem formação em Artes Plásticas e em Ciências Sociais. Como você percebe a interação desses campos de conhecimento entre si? O cientista social, em geral, é

alguém atento à produção em Artes Visuais? E o contrário?

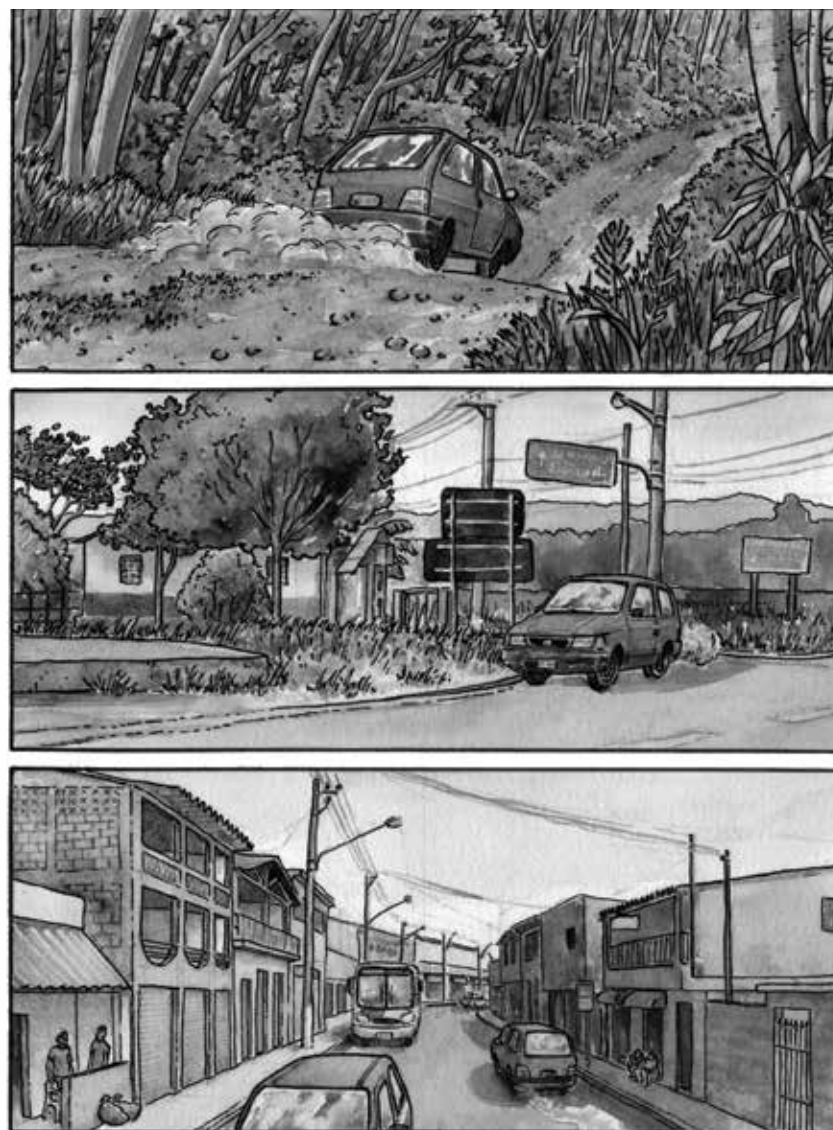
Boa pergunta. Não sei a resposta. Eu fui estudar Ciências Sociais depois de ter feito Artes Plásticas, em busca de uma reflexão sistemática, de método, para pensar a relação entre arte e sociedade, em um momento em que me voltava mais para os estudos de História Social da Arte — campo do qual me aproximei no final da graduação em Artes. Tempo que passa e acabei me distanciando um pouco da vida acadêmica e que quem sabe um dia ainda volte. Existe muita produção sobre arte nas Ciências Sociais, em Antropologia e Sociologia, sobretudo como objeto, como campo de ação humana que se organiza sobre determinados pressupostos. Mas eu ando num momento de focar na



produção, de fazer quadrinhos de forma mais regular. Agora, penso que, pelos meus próprios temas e formas de abordagem, é difícil negar que a formação em Ciências Sociais deixou marcas profundas em mim. São campos do conhecimento que certamente contribuem para uma abertura na forma de pensar o mundo e a sociedade. Em certo sentido, tanto para a Arte quanto para as Ciências Sociais, tudo que é humano é material de estudo. A arte, no nosso caso os quadrinhos, terá sempre como horizonte esse estar humano no mundo. Essa é, em última instância, a matéria da arte: as contradições das formas particulares, coletivas e individuais de se estar no mundo. Contudo, parece que, em algum nível, todo artista está numa pesquisa constante de como constituir essas questões em matéria, em forma, e aí todo aporte de conhecimento social é para o artista uma fonte. Mas uma fonte que ele vai interpelar não necessariamente sob a perspectiva científica, que implica um rigor metodológico e tal. Então, tentando responder sua pergunta: para mim, elas meio que se retroalimentam.

Você está produzindo um trabalho com a antropóloga Daniela Alarcón. Conta um pouco desse seu novo projeto.

Vai ser algo um pouco na linha do Xondaro, no sentido de focar na luta indígena pelos seus direitos, mas a ideia é que seja um trabalho de maior fôlego. Vai ser composto por uma série de narrativas curtas sobre os Tupinambás do sul da Bahia, mais especificamente da Serra do Padeiro, na TI [Terra Indígena] Tupinambá de Olivença, onde a Daniela fez seu mestrado e agora doutorado. A ideia é abordar episódios da resistência e luta pela demarcação do território, mas também episódios de vivência cotidiana e do imaginário da população de lá, incluindo narrativas de contornos fantásticos. Nós fomos contemplados no edital de HQ da prefeitura de São Paulo, e, se tudo der certo, até o final do ano lançamos o livro. O projeto vai contar não somente com a experiência da pesquisa da Daniela, que é quem vai elaborar os roteiros, mas com uma consultoria bem próxima de lideranças tupinambá. Estou muito empolgado, dará para fazer um trabalho interessante.



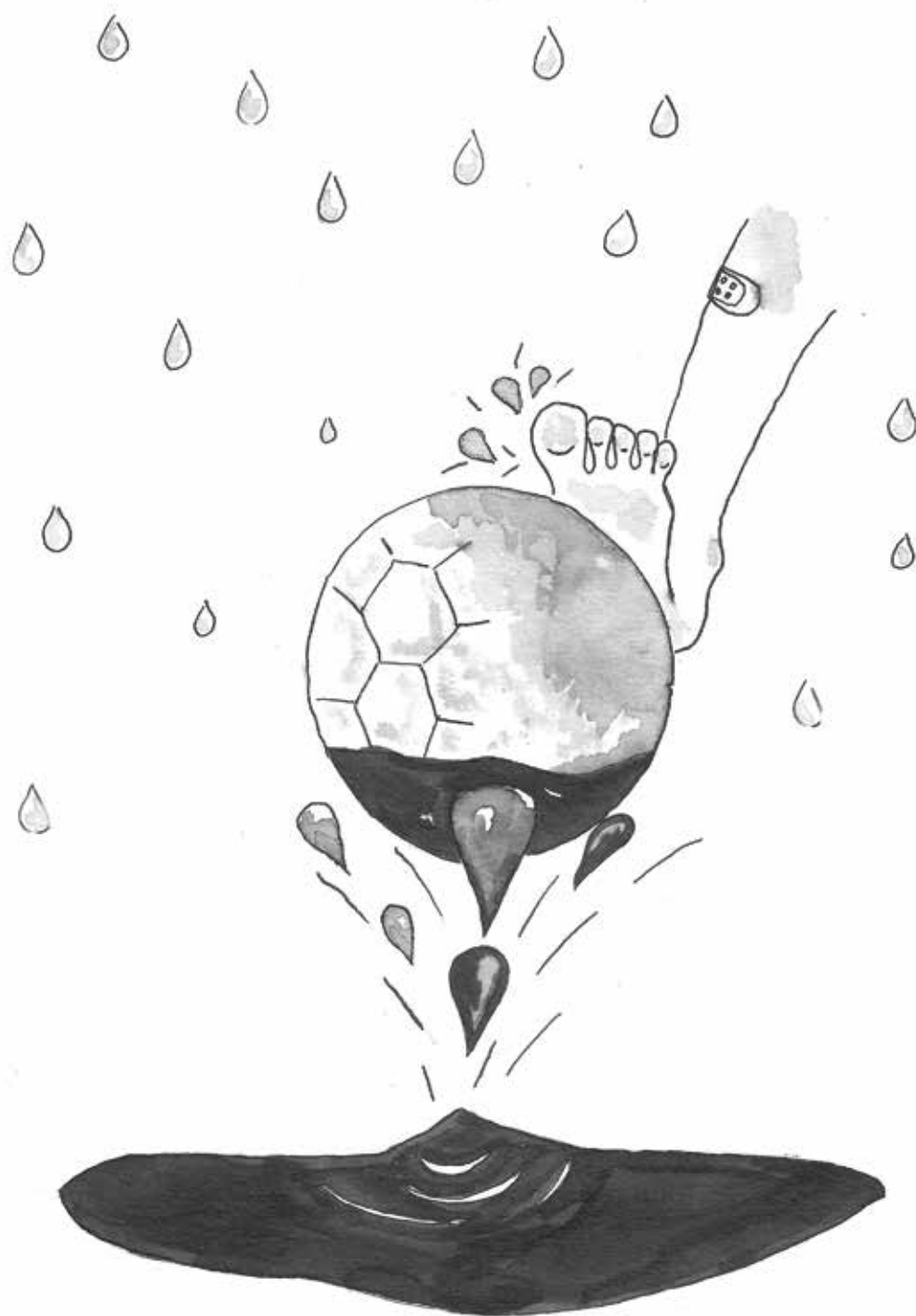
Lilian Guinski

BOLA DE CAPOTÃO

Bola de capotão
molhada de chuva,
pesada de sonhos,
voa pelos pés de barro do piá.

O ladrão catimba,
o arqueiro se arma,
o drible termina num chapéu.
O placar permanece estático.

Bola de capotão
ganha vida, alça voo, vai além
das traves, das travas, das trovas.





RelevO Camping

*Seria possível comprar um bioma? Pois bem, o **RelevO** comprou. E agora dispõe de hectares e mais hectares estruturados para o **I RelevO Camping**, que visa a abrigar pais interessados em descansar das atividades de pais, músicos com pouca agenda, jornalistas desempregados (redundância kkkkkk), desocupados conhecidos por alguma obsessão artística, militantes em rehab digital e gente que até gosta de camping.*

ONDE: Mata Atlântica

QUANDO: 29 de fevereiro

PREÇO: R\$ 50 + o livro *Camping para Dummies* (Editora Pau da Barraca, 2017, 13 páginas, R\$ 950)

COMO CHEGAR: cheirado em um helicóptero ou em uma balsa forrada com garrafas de Veuve Cliquot, depois ir reto.

Espaço L

Especialme
da canção
momento o
visualizaçõ
do univers
atração o D
primeiro se
minimal ap
Sucesso em
pela União

Ayahuaso

Todos sabe
que purific
longe dos s
USAR. Per
quiosque d
21 anos, on
o consumo
bebidas sã
profissiona
inca cheira
sensações
experienci
treinados p
épico, com
reconstruç
aéreas, ma

Museu de

Uma viagem
uma foto e
na configu
o Museu d
com praça
holograma
pode mata
Monalisa.
orientais e

Microfes e obra de

Semente, s
semente /
que árvore

uAU

ente desenvolvido para amantes
“More Than Words” (neste
com mais de 240 milhões de
es no YouTube – pode conferir) e
o pet, o Espaço LuAu terá como
DJ e coaching MC Dogão, o
er humano a criar um set de
penas com latidos e miados.
n todos os países eslavos fodidos
Soviética.

ca mirim

em que ayahuasca está na moda e
ca a alma e que, se você estiver
seus pais e do seu chefe, TEM QUE
sando nisso, criamos o primeiro
de ayahuasca para jovens entre 14 e
nde todo o cardápio é voltado para
o da iguaria. Basicamente, as
o injetadas no seu nariz e um
al especialmente vestido de cafetão
a pó e simula ataques cardíacos e
de arrebatamento. Todavia, aqui a
ação é completa, com médicos
para tornar seu mal-estar em algo
direito a uma cirurgia de
ção não somente de suas vias
s também de suas vidas passadas.

o Osho

m hype nunca está completa sem
m museu. Cômicos do nosso papel
ração de identidades fakes, criamos
o Osho, o primeiro espaço artístico
de alimentação disfarçada por
s de pinturas famosas. Assim, você
r aquele x-duplo enquanto admira a
Inclusos serviços de citações
consultoria de hashtags.

tival Ursinho de dormir: vida e Armandinho

emente, semente / Semente,
Se não mente fale a verdade / De
e você nasceu?

Louça É Vida: 14 horas de carma-ioga da mais picareta

Se você é daqueles que acreditam que o pior
sobre ir a um camping é ir a um camping, é
porque não viu nossos instrutores picaretas
ensinando carma-ioga! Por isso que o **RelevO**
Camping vem para destruir quaisquer expectativas:
por uma diária simbólica, você tem acesso ao
exclusivo Refeitório Louça É Vida, onde lavará a
louça de um mês de um casal riquíssimo, cuja
companhia de um guru exclusivo lhe convencerá de
que vive elevação espiritual enquanto dorme no
chão do quarto da empregada. Sem beber, sem
fumar, sem transar. Uma experiência tão bosta,
mas tão bosta que sua racionalização forçará um
grande aprendizado. (O guru, na verdade, é
Jhones, cunhado do marido rico, utilizando uma
bata e com o nome da ex-mulher tatuado no braço.)

Bosque ideológico

Todos sabemos que andar em bosque silencioso
é muito boring. Tendo isso em mente, criamos o
primeiro bosque ideológico, onde, com um
simples cadastro e a declaração de voto, você
pode ouvir impropérios político-partidários do
seu agrado direto da copa das árvores, com
qualidade dub surround. No serviço VIP, alguns
animais escarpelados interpretam canções de
protesto e leem os melhores tuítes e textões da
sua timeline. Acompanham frases impactantes,
mas completamente desprovidas de sentido,
como “quem matou Chapeuzinho Vermelho foi o
lobo... de Wall Street”. Destaques para a primeira
cachoeira que ressoa teorias conspiratórias a
partir de quotes de Olavo de Carvalho e para
Florinha, a Samambaia-Booktuber.

Fundo verde

Convenhamos, natureza é uma merda, mas foto
na floresta rende like demais! Pensando nisso,
o **RelevO** preparou um fundo verde que vai
gerar tela azul em seus usuários! Pois antes
mesmo da entrada – onde ainda pega sinal de
celular – você pode tirar fotos com cachoeiras,
colinas e árvores iradíssimas. Basta escolher seu
cenário e nosso chroma key fará com que você
pareça alguém que medita e cresce diante das
dificuldades da vida. “The best things in life aren’t
things”. Se você prefere registros com animais,
temos todo um staff de taxidermistas preparados
para bem atendê-lo com a melhor seleção de
animais apreendidos pelo IBAMA.

Kit Camping

Quem é investidor, empreendedor, jovem que
passou um ano no exterior com as economias
dos seus pais, membro da AIESEC, enfim,
certamente não vai querer viver um período de
desconforto apenas pela “experiência de vida”.
Então por mais 2 bitcoins você terá a acesso a:
- Purificador de água Don Perignon e adega
Nespresso, com o melhor de grãos dos países
mais exóticos já visitados por você, que pode
contar tudo sobre suas viagens e sobre como
você aprendeu com elas;
- Crianças e idosos em condições miseráveis
disponíveis para foto;
- Um pote de lama, com selo da Vale do Rio
Doce, para comprovar o quanto você
compreende e é empático à dor de quem viveu
desastres ambientais;
- Uma 4x4 herdada de seu pai;
- Ebook “Marketing na Selva: o que aprendi
sobre o mercado publicitário enquanto um
vbonobo comia minha bunda”.

Homenagem ao tio Renato

Meu tio Renato era guarda florestal e
passava semanas no Pico do Marumbi,
literalmente dentro de uma gruta, ébrio em
boa parte do tempo. Praticamente não
lembro dele, pois morreu quando eu ainda
era criança, mas gostaria muito de ter
contato com o sujeito hoje. Certamente
contaria boas histórias. Uma pena. Fica
minha homenagem ao tio Renato, que
deixou saudáveis três filhos e hoje já teria
dois netos.

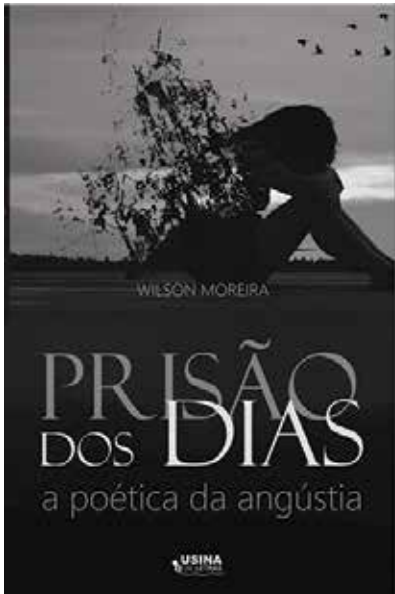
Puff, a ovelha headhunter

Muitas vezes, vamos para lugares ermos e com
diversidade de insetos para nos descobrir (e
não estamos falando de se perder na trilha).
Pensando nisso, capacitamos Puff –
headhunter, coolhunter e Pokémon Haunter –,
a primeira ovelha do mundo a te auxiliar nos
rumos de sua carreira. Por 100 reais, dois
livros de Deepak Chopra e um saco cheio de
feno, você poderá ser consultado no exclusivo
Puff Trailer e descobrir que, muito mais que
apenas um vagabundo que nunca precisou
trabalhar para comprar as próprias drogas,
você é um sujeito com diversos talentos
desconhecidos!

Ana Iris

metzge

meu olho morto chora
 q metzge tinha respostas
 era mentira
 do porq acordamos
 com partes separadas
 braços nos cabides
 cabelos num manequim
 pernas na cabeceira
 quadril dobrado
 no canto da cama
 do porq dedos não se movem
 pra esquentar o óleo
 dos olhos arregalados
 nas maçãs à noite metzge
 apesar de saber todo
 corte de faca numa carcaça
 do modo q metzge sabe
 quando houve luta
 queimada esmurrada ou
 esfaqueada metzge não entende
 a permanência da vigília ao lado do lobo
 pra metzge a luta não seria justa
 nem se numa carcaça a amada
 metzge só recebe corpos
 só lhe dão facas



USINA DE LETRAS

O poeta paranaense Wilson Moreira lança seu sexto livro, trazendo textos que falam dos dias que nos aprisionam, das batalhas internas e da aventura de viver.

A poesia se torna um meio de fuga e de elevação da condição humana.

Moreira publicou outros cinco livros. Pedidos pela página HÚMUS SAPIENS do Facebook.



Agente penitenciário e sociólogo, Wilson Moreira, que chama seus poemas de "micro-textos", publicou outros cinco livros pela editora Usina de Letras: Estilhaços de uma vida em espiral - 2006, Vagando pelas horas - 2010, Intimo exterior - 2012, Um pouco de coisas - 2014 e Húmus Sapiens - 2017.

Formigas, chá da tarde, perspectivas

Matheus Lopes Quirino

Hora do chá. Sem a formalidade das 17h, esse momento canônico que britishizamos pelos nossos trópicos, à cozinha. Abaixo-me para fuçar nas trevas da dispensa, em busca dos anônimos utensílios, esparsos às vistas de um míope. Certamente as caixas de chá estariam capeadas ao fundo — e estavam mesmo. Realocando item a item, lembro-me da recente infestação de formigas que fustigou a família há semanas. Ainda havia uma ou outra sobrevivente.

Caixas de cereal, packs de gelatina, vidros de palmito, saquinhos recém-envelopados — pelas gambiarras dos arames ou elásticos que salvam os bolsos de comprar potes novos — e outros demais itens eram escanteados pela veemência, objetiva, de achar (e logo) a fonte dos prazeres dos dias frios, travestida em bebida: o chá da tarde.

Alguns minutos depois, posta a fuzarca no chão da cozinha, no meio das gigantescas embalagens, furtivas, um clã de elite das formigas passeava pelas sombras do pote de polvilho doce, virando a esquina com as latas de sardinha. Peguei-as no ato! Por um papel-toalha que encerrou suas artimanhas ardilosas naquele recinto, até então, dedetizado. Oras.

Poderia ficar caçando formigas a tarde inteira. Mas não o fiz. Seria

responsável por uma chacina. Onde já se viu, um gigante de minha espécie tesourar os planos sensoriais das operárias em busca de toda e qualquer glicose em ínfimos alimentos e restos daquele armário abarrotado (ou o jardim das delícias proibidas?). Fiquei um pequeno tempo ali, parado, vieram-me as lembranças do passado, dos percalços nos formigueiros da infância, antes da culpa como sórdido assassino. Ardia só de lembrar as picadas. Essa era a justificativa da minha ex-futura-chacina de formigas.

Poderia ficar caçando formigas a tarde inteira. Mas não o fiz. Seria responsável por uma chacina.

Levantei-me e, dirigindo-me ao fogão, acedi-lhe a “anteboca”, donde as tímidas piras azuis esquentavam o ferro da caneca com água filtrada até a “risca do chá”. Enquanto a água fervia, agora na mesa da cozinha ia de “uni-duni-tê” para acertar no sabor que logo me satisfaria em desvario.

Escolhendo um cítrico, ao rasgar o sachê, senti uma movimentação no

braço esquerdo. Uma leve coceira, muito peculiar, que se mexia de pontinho a pontinho, roçando nos poros e pelos em fragmentos de segundos. Era uma delas, ali, subindo o peludo braço do cronista. Dei-te um safanão, provavelmente a vida da formiga sofreu uma fratura e tanto.

O curioso nessa ocasião foi ter a sacada à moda do biólogo caseiro — especialista em tudo o que não se precisa saber — quando, pelo delicado caminho traçado por aquela microscópica operária do amor em busca de seu açúcar, dá-se um destino enfadonho e inegociável: as formigas, daquele porte, têm noventa dias de vida.

Noventa dias de trabalho árduo. Pesquisa constante, talvez um ou outro amor, se sorte tiver alguma fartura. Reproduzir também é uma opção. E o lema delas, claro, é andar sempre em frente. Guiadas por suas exíguas antenas, pelas sombras; camuflagem. Andar no impulso das ondas de calor, na constante atração da libido gastronômica. Açucarados desejos, impulsivos vícios lascivos, incontroláveis, cautelosamente selvagens. Uma formiga sabe conseguir o que quer, são obstinadas e viciadas, vão até o fim.

Sorte delas que não pensam no passado, ou se quer pensam em algo. Elas seguem contínuas. Em busca do doce mais doce, nunca da batata doce. São sabidas, já estão calejadas

em pouco tempo. Nascem espertas e, no ápice de suas vidas, talvez no septuagésimo dia, atiram-se à loucura, sem compromisso, pois o que vale é o prazer da cana mais doce.

Nunca conheci formiga saudosa. Tampouco conhecerei. Nunca ouvi sequer falar em formiga corna ou formiga que paga por uma badtrip. Não há. As formigas não têm DR's ou emocionais demasiadamente complicados. Elas são da espécie mais hedonista do reino dos insetos, com apenas um grão de açúcar, dão o último gole no orgasmo mais auspicioso de suas vidas.

As formigas não pagam contas. Não são enchidas. Não precisam consertar calhas, descarregar carros ou se quer preparar chás. E por falar neles, com a água já evaporando, despejei o sachê a meio fio de náilon na solução fervente. Peguei um caneco, enchi-o até quase a boca. Trouxe o pote de açúcar à mesa, abri-o e, para minha surpresa, submersa na matéria prima açucareira, estava mumificada a formiga mais feliz do mundo, morta de prazer ali mesmo, no pote.

Curiosa a cena. Não há filosofia que explique a finitude mais doce que já me deparei nesta cadeia alimentar que chamamos de vida. Ato consumado, o Paraíso, mais conhecido como aquelas dunas de açúcar, ou vice-versa. Encontrei uma formiga imensa no açúcar, dura, durinha; teria ela morrido de diabetes ou de doçura?!

Diana Joucovski

perdão samanta sch

maldição é não ser capaz de amar o texto alheio se for muito mais do que ameno. quero dizer, se é insosso passa reto, se desastrosamente segura o ego e se surpreende dá uma coceirinha de inveja no cérebro. ah mas a gente aprende... e quem sou eu pra dizer que não? e mais, por que é que vou dizer que não é assim que sou? pois se invejo a frase que eu teria escrito se fosse mais esperta, mas infelizmente continuo sendo eu quando fecho o livro cujos contos começaram, seguiram e terminaram com os finais ou enredos que eu os teria dado. publicados. alguma espécie de déjà vu criativo: só sei que escreveria daquela forma quando termino a coisa. quando é minha vez, a bagaça da minha autoria vai de agradável a abominável como o fim desse textículo. nunca poderia amar sem odiar simultaneamente um escritor sendo seu semelhante, é disso que sei — digo de boca cheia, mas com o mesmo pesar que se dissesse que odeio meus pais: ana c plath clarice & woolf, entre outras mulheres. dessa vez de uma desconhecida: a tal da samanta schalguma coisa — já ouviram falar? se não Na Estepe é o que me fez lançar o livro à parede de ódio e prazer. samanta bonita que só ela na orelha detrás — pra quem não sabe: a contracapa dobradinha. em preto e branco também, quando todo mundo fica elegante. ai samanta comprei seu livro justamente pela razão que me faria detestá-lo e agora vivemos um relacionamento abusivo. mas oh, um final subjetivo daqueles! essa foi uma crítica desengonçada com palavrões entrelinhas? (sou uma pessoa crítica, não crítica com c maiúsculo, e por causa dessa revolta sou menos ainda escritora) no entanto se pensarmos bem pode ser que você importe só agora, como a maioria das coisas — é que hoje, como não tem outro dia senão esse, sua mão preta e branca argentina marcou minha cara com um belo de um tapa.



Se as páginas pudessem ser de pele, não seria preciso descobrir porque goza o poema. Toda especulação em torno da relação entre arte e prazer teria seu fim se nos livros pudéssemos sentir textura e calor de um corpo que escreve em si. No lugar de palavras, braços, pernas abertas, cruzadas, fechadas, que vão saindo obra afora e se confundindo também com o corpo do leitor — alvo da relação que se insinua. No lugar da revelação de um sentido, a produção de uma interminável cadeia de sensações faria o poema acontecer; leitor e poeta exaustos afinal.

Engana-se quem pensa que enquanto lê não está gozando junto, procurando uma posição mais confortável para encontrar seu prazer, mesmo que não exista conforto nenhum no sexual de que é feita a arte. Raro é esse momento da entrega ao desejo do corpo, assim como é rara a manifestação irrefreável do desejo poético. As páginas desse livro não são de pele em sua realidade material, mas a maestria com que o poeta oferece seus versos como partes de corpos inebriados de prazer, faz-nos pensar que sim. A raridade está nas mãos de William Soares dos Santos e na poesia que evoca ao tocar tantas silhuetas, enquanto produz sua arte e transforma em obra-prima um organismo que não para de se contorcer, agora do lado de cá, pronto para entrar em nós e nos deixar, também, desejar a sua entrada.

Morgana Rech

www.editoraurutau.com.br

Três vozes femininas e a dor do abandono

Geraldo Lima

Antes de tudo, é preciso dizer que Marilene Felinto, em *Obsceno Abandono*, escreve nos limites do dilaceramento, do esgotamento físico e psíquico do ser. Como no poema “Sem acessórios nem som”, de Armando Freitas Filho, ela escreve rasgando/cortando “com tesoura de jardim/cega e bruta”. Escreve com ódio, expondo as entranhas da personagem.

Esse discurso raivoso, ou queixoso, presente na novela de Marilene Felinto, enunciado por uma voz feminina marcada pela dor, pode ser rastreado ao longo dos tempos. O eco mais nítido que nos chega aos ouvidos, no momento mesmo em que lemos *Obsceno Abandono*, vem do texto de Eurípedes (*Medéia*) e das *Cartas* de Sórora Mariana Alcoforado (Beja, 2 de Abril de 1640 — 28 de Julho de 1723). E por que essas duas vozes? O que pode haver de proximidade entre o vociferar de uma personagem de Eurípedes, em plena Grécia Antiga, o lamentar de uma freira portuguesa no século 17 e as reivindicações raivosas da personagem de *Obsceno Abandono*, essa amante do terceiro milênio?¹

Primeiro, Medéia. Tão radical é a

sua opinião, a sua decisão, que bem poderia ser dela a fala da personagem de *Obsceno Abandono*: “Não estou neste mundo para agradar ninguém, muito pelo contrário” (pág. 50). Para Junito de Souza Brandão, no seu Teatro grego: tragédia e comédia, “Medéia é a tragédia do amor transmutado em ódio mortal” (pág. 63). Assim como a personagem de *Obsceno Abandono*, Medéia também se arrepende do que fez por amor a Jasão, que a troca por outra, com o objetivo de se elevar socialmente (argumenta que é aos filhos que deseja beneficiar com essa ascensão social). A loucura cometida por Medéia? Traiu a sua pátria, matou o irmão, induziu outros ao crime para ajudar o seu amado. Por isso, encontra-se exilada. E, o pior: corre o risco de ser banida de Corinto. Por conta desse arrependimento, ela pede ajuda aos deuses para vingar-se do esposo. Sente-se ultrajada. Terrível é a sua vingança, e ela comete o pior dos crimes: mata os próprios filhos. Segundo a Ama e O Coro, Medéia é terrível, é uma alma violenta. Ela não ouve conselhos. A sua paixão é explosiva. Alguém poderia dizer da personagem de *Obsceno Abandono* quase a mesma coisa. A

sua recusa à maternidade é quase tão violenta quanto o gesto assassino de Medéia. “— Filhos? Você sabe muito bem que não quero filhos. Jamais vou ter um filho” (pág. 62) E ainda justifica a sua recusa: “Filho não é curativo para a solidão de ninguém...” (pág. 62). Em Medéia, pela voz do Coro, há também esse argumentar desfavorável à existência dos filhos: “Assim pretendemos que aqueles mortais que ficaram absolutamente fora do casamento e que não geraram filhos ganham em felicidade daqueles que se tornaram pais. Os que não têm filhos não podem julgar se a paternidade é para os mortais uma fonte de alegrias ou de dores, pois lhes é desconhecida, eles escapam a muitas angústias. Mas aqueles que veem crescer em suas casas esses tenros descendentes, que preocupação lhes rói a vida inteira!” (pág. 203).

O fato de Medéia deter certos conhecimentos (como sacerdotisa conhece os poderes mágicos de ervas e raízes) a torna mais perigosa ainda para os seus contemporâneos. Além disso, ela argumenta, refuta, negocia. Num mundo onde a mulher não tem voz ativa, isso faz dela um ser diferente,

estranho à cultura grega. Não bastasse isso, ela ainda tem plena consciência da condição feminina do seu tempo. Tem consciência e enuncia isso. “Minha ciência me atrai ódios (julgada inofensiva por uns, de modo mui diverso por outros), é para eles objeto de escândalo” (pág. 173). E um pouco antes já havia dito: “O homem, dono do lar, sai para distrair-se de seu tédio junto de algum amigo ou de pessoas de sua idade; mas nós, é preciso não termos olhos a não ser para ele. Dizem eles que levamos em nossas casas uma vida isenta de perigos, ao passo que eles combatem com a arma na mão; é falso. Eu preferiria tomar parte em três combates a dar à luz uma só vez” (171).

Sabe ela que à mulher, naquele tempo, não cabia nenhum direito, apenas aceitar a decisão do macho, o que a sociedade havia estabelecido como convenção. Daí Jasão querer que ela compreenda e aceite a sua decisão de esposar outra mulher. Medéia se opõe: acha que fez muito pelo seu amor. A personagem de *Obsceno Abandono* também cobra pelo que investiu na sua relação amorosa. “Nunca me entreguei tanto, nunca me inaugurei tanto para uma pessoa”

(pág. 54). O que está dito aí é que, dos amantes que ela teve, Charles foi aquele a quem ela mais se dedicou. Medéia teve só a Jasão, mas mesmo assim bem poderiam ser dela essas palavras. As que são proferidas por ela dão, no entanto, conta da sua indignação: “Eis o que fiz por teu respeito, ó mais covarde dos homens! E tu me atraíças!” (pág. 180).

Quanto ao modo de vingar-se é que ambas divergem: Medéia quer fazer justiça com as próprias mãos. Tem com quem dialogar, ouvir conselhos, mas o seu discurso é extremado: a decisão está tomada e não há volta. Não há convergência. Não há ponderação. Já a personagem de *Obsceno Abandono* alimenta outro tipo de vingança: reivindica a criação de uma legislação que possibilite o castigo do homem que abandona a amante após desfrutar do seu corpo. “— Uma pessoa não pode fazer isto com a outra — deveria haver uma lei, um decreto cheio de artigos, parágrafos, itens e subitens que proibissem esse tipo de usurpação das ilusões, de fraudes amorosas” (pág.31).

Num mundo em que a mulher já conquistou a sua liberdade, direitos importantes, é possível pensar assim: ver lacunas na legislação vigente e reivindicar a ampliação desses direitos, ainda que contrariamente aos costumes da nossa sociedade monogâmica e cristã. No mundo de Medéia não havia ainda espaço para esse tipo de reivindicação, embora ela tivesse plena consciência da opressão sofrida pelas mulheres. (Na Medéia de Sêneca já se cobra um julgar com equidade, à luz do Direito, mas esse já é um outro mundo. Fiquemos com a Medéia de Eurípedes.) Então, para quem reivindicar novos direitos se não há direito algum? Para Medéia, solitária num meio que a julgava bárbara, estranha à cultura grega, restava somente a violência, ou seja, fazer justiça com as próprias mãos.

Para a personagem de *Obsceno Abandono*, que se sente ignorada pela cidade de São Paulo (sequer é esmagada pelos edifícios), resta também apenas a solidão, ou pior, aceitar a ideia de que essa solidão é mesmo o seu destino, “Meu único caminho teria sido aceitar a marca de nascença, ficar sozinha, viver só” (pág. 29). Bem

poderiam ser dela as palavras cantadas por Elis Regina no samba-canção “Preciso aprender a ser só”, de Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle: “Ah, se eu te pudesse fazer entender/Sem teu amor eu não posso viver/Que sem nós dois o que resta sou eu/Eu assim tão só/E eu preciso aprender a ser só...”. A sua solidão deve ampliar-se porque, para o que ela reivindica, ainda não há amparo legal: Charles continuará impune, amparado pela Lei. (Já estamos em pleno Estado de Direito, é a modernidade de fato, mas ainda há lacunas.) Medéia, embora alcançando êxito no seu intento, irá amargar mais solidão ainda: já exilada em Corinto, terá que se exilar de novo — agora sem os filhos e o esposo que a traiu.

A solidão e a dor são elementos que unem essas duas mulheres separadas pela muralha dos séculos. Mas o que as une mais ainda é a indignação, o fato de se sentirem lesadas após terem se dedicado tanto ao parceiro. Embora amante, a personagem de *Obsceno Abandono* sente-se traída: havia a expectativa de viver com Charles, acha que conquistou esse direito, sobrepondo-se mesmo aos direitos da esposa dele. O seu desejo esbarra na recusa de Charles, no que para ela é só covardia. Medéia, esposa de Jasão, vê-se trocada por outra, a filha de Caronte. É vítima do jogo de interesses. Da mesma maneira, sente-se com mais direito que a outra (deu filhos a Jasão, arriscou-se por ele), mas, no mundo em que vive, na condição de mulher e exilada, não lhe cabe direito algum, apenas aceitar o que já foi decidido. Se há covardia no gesto de Jasão, está amparado pelos costumes da sociedade grega. Da mesma maneira, o gesto de Charles — abandonar a amante e voltar para a família — será sempre bem visto pela nossa sociedade. Entre os valores da sociedade da Grécia Antiga e os da sociedade contemporânea parece haver um fosso intransponível. Dessa maneira, para a sociedade grega da época, louca é Medéia por não aceitar a decisão do marido de esposar outra mulher; já para a nossa sociedade, louca é a personagem de *Obsceno Abandono* por querer que Charles deixe a esposa e os filhos para viver com ela. Entre esses dois mundos, a cultura impõe

maneiras bem diversas de se encarar a realidade do matrimônio. Mas o destino é um só: Medéia e a personagem de *Obsceno Abandono* pagarão com a solidão por isso.

Se algum dia as amantes serão amparadas pela Lei e poderão assistir ao castigo imposto ao ex-amante, não sabemos. Sabemos, contudo, que a sociedade está sujeita a mudanças. Do mundo de Medéia até o nosso, muita coisa mudou, inclusive o

“Meu único caminho
teria sido aceitar a
marca de nascença,
ficar sozinha, viver só”

universo feminino. Que mulher, hoje no Ocidente, teria que aceitar passivamente o que foi proposto a Medéia? No texto de Eurípedes, pela voz do Coro, essa nova realidade já era vaticinada: “Aproxima-se o dia em que a mulher será reverenciada e uma injuriosa reputação já não pesará sobre ela” (pág. 178). Já no texto de *Obsceno Abandono* não há nada que aponte para a possibilidade de que as reivindicações da personagem venham a concretizar-se. Até o momento, no Brasil, a Constituição Federal diz, no seu Art. 226, que “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado” (pág. 140).

E Sórora Mariana Alcoforado? Que aproxima suas *Lettres Portugaises* da novela *Obsceno Abandono* e da peça Medéia? A dor do abandono, os lampejos de arrependimento, o discurso confessional, reivindicatório. Ainda nas palavras de Massaud Moisés, no seu *A literatura portuguesa*: “Perpassa-as um violento sopro de paixão incontrolada, insana, superior a todas as inibições e convenções e a todo impulso da vontade e da consciência moral” (pág. 112). Em todos esses textos, há a presença de uma subjetividade latente expondo a alma dilacerada das três personagens. O tom aí é da voz feminina que, mesmo trazendo as marcas da cultura do seu

tempo e os limites da sua condição social, se expõe toda, confessional, crítica, dilacerada. No caso das *Cartas Portuguesas*, tomadas aqui como verídicas e escritas mesmo por uma religiosa que viveu parte do século 17 e parte do 18 em Beja, Portugal, essa limitação está presente no uso de um vocabulário mais casto, menos violento, mas nem por isso incapaz de transmitir o sentimento de abandono a que a autora está sujeita. Inconcebível seria pensar Sórora Mariana Alcoforado empregando um vocabulário similar ao da personagem de *Obsceno Abandono*. Esta, livre, dona do seu próprio destino, pode fazer uso do vocabulário que bem quiser, pois não tem que dar satisfação a ninguém. “Eu preciso arranjar um novo macho, Charles, para enfiar o pau entre minhas pernas...” (pág. 34). “OK! Foda-se tudo!” (pág. 69). Daí também os xingamentos como forma de atingir ou agredir o ex-amante. “Vagina é talho aberto: eu sou um sangue, Charles, seu idiota” (pág. 30). Já Sórora Mariana Alcoforado, nos limites do claustro, cerceada pela religiosidade (a considerar que não se trata de um ser ficcional), soa meiga, sofrida, e nada a impele a lançar mão de vocábulos rudes para atingir o ex-amante: “perdi a reputação, expus-me à cólera da minha família, à severidade das leis deste país para com as freiras, e à tua ingratidão, que me parece o maior de todos os males” (Terceira carta). Medéia, bárbara (do ponto de vista da cultura helênica), terrível, indócil, faz ecoar a sua voz raivosa nos salões do palácio de Corinto. Quando baixa o tom de voz, é apenas como subterfúgio, manobra para levar a contento o seu plano de vingança. Dessas três vozes, a mais frágil é, sem dúvida, a de Sórora Mariana Alcoforado, daí o tom choroso do seu discurso e a sua propensão a perdoar o amante que lhe escreve cartas curtas e frias. “Todos se comovem com o meu amor, só tu ficas profundamente indiferente, escrevendo-me apenas frias cartas, cheias de repetições, metade do papel em branco, dando grosseiramente a entender que estavas morto por acabá-las” (Quarta carta).

Interessante é observar como o modo de Sórora Mariana Alcoforado se vingar do ex-amante, o marquês de Chamilly, diverge do de Medéia

(marcado pela violência explícita) e o da personagem de *Obsceno Abandono* (intermediado pela Lei). Romanticamente, ela imagina que, morrendo, poderá atingir o homem que a abandonou: “Um fim trágico obrigaria você, sem dúvida, a pensar mais em mim; eu seria uma lembrança querida para você, e quem sabe você não seria profundamente tocado por uma morte extraordinária” (Terceira carta). Observe que o tom aí atinge o mesmo grau de dramaticidade que em *Medéia* e em *Obsceno Abandono*. “Depois do ultraje ao meu leito, eu não te poderia permitir viver feliz insultando minha dor...” (Medéia, pág. 212). “Como é que pode? Como é que pôde? Este buraco de raiz arrancada, esta erosão em que vai se transformando aos pouco a minha vida, à medida que você me abandona.” (Obsceno Abandono, pág. 37)). E ainda essa afirmação da personagem de *Obsceno Abandono* fazendo ecoar em nossos ouvidos a determinação de Medéia: “Tripudiar da minha cara e da minha dor é que você não vai, nunca mais” (pág. 70).

A indignação demanda as mesmas palavras para se fazer explícita, seja em que época for. Daí essa proximidade entre as vozes, essa coincidência de discursos. E essas vozes femininas estão marcadas pelo ressentimento e pela revolta (mais explicitamente no texto de Eurípedes e no de Marilene Felinto), o que as faz pender ora para o simples desejo de vingança, sem nenhum efeito sobre a realidade, ora para a disposição de se contrapor à realidade vigente, buscando romper os limites que as aprisionam. Camus, em *O Homem Revoltado*, nos dá bem a ideia de como isso se processa: “O ressentimento foi muito bem definido por Scheler como uma autointoxicação, a secreção nefasta, em um vaso lacrado, de uma impotência prolongada. A revolta, ao contrário, fragmenta o ser e o ajuda a transcender” (págs. 27 e 28). Ainda no terreno das proximidades, das existências limítrofes, uma passagem liga o universo de Sórora Mariana Alcoforado ao da personagem de *Obsceno Abandono*: ambas sentem-se como se tivessem sido um simples troféu no rol de conquistas dos ex-amantes. “Intentaste desvairar-me a

sangue-frio; nunca olhaste a minha paixão senão como um troféu...” (Sórora Mariana Alcoforado, Terceira carta). “Na verdade, eu nunca passei de um lucro na sua contabilidade amorosa, um lucro dispensável e desimportante, um lucro supérfluo” (a protagonista de *Obsceno abandono*, págs. 38 e 39).

Ainda que a personagem de *Obsceno Abandono* reivindique uma nova legislação que possa punir o amante ingrato, podemos subentender nas referências à atitude de Macsuel e ao gesto suicida do homem em Paris um desejo de punir o ex-amante de forma mais violenta (como no caso de *Medéia*) ou de modo a causar o remorso (no caso de Sórora Mariana Alcoforado). Assim como Macsuel, na sua loucura, matou a mulher que o traiu, ela, a personagem de *Obsceno Abandono*, na sua ira, deve alimentar esse mesmo desejo, embora o espírito de civilização (que Jasão acusava não haver em Medéia) não a deixe explicitar isso. Já o suicídio é parte do desespero de quem não encontra ninguém com quem dialogar, alguém que chega à conclusão de que nasceu mesmo foi para ser só. Desse modo, *Obsceno Abandono* encontra-se entranhado no discurso das *Cartas* de Sórora Mariana Alcoforado e nos diálogos desafiadores de *Medéia*.

Se em Sórora Mariana Alcoforado encontramos uma voz vacilante, que vai da condenação ao arrependimento do que foi dito, e em Medéia uma voz tonitruante, obsessiva, intransigente, em *Obsceno Abandono* a protagonista parece mesclar as duas atitudes: às vezes parece tão certa da sua postura, do seu discurso, dos seus sentimentos, noutras deixa transparecer laivos de fraqueza, de uma alma feminina que se debate entre manter a independência e o desejo de se render. Claro, o tom final é de certeza, de manter a dignidade acima de tudo, ainda que exposta à mais dura solidão.

Nas três histórias, as personagens femininas dirigem-se a um homem que já não está presente, e, se às vezes está, mantém-se frio, racional, como é o caso de Jasão. Se a voz masculina soa sempre contida, racional, ardilosa, negociadora, escorregadia, a voz feminina — seja no caso da fala dramática (*Medéia*), seja no tom epistolar (*As cartas portuguesas*),

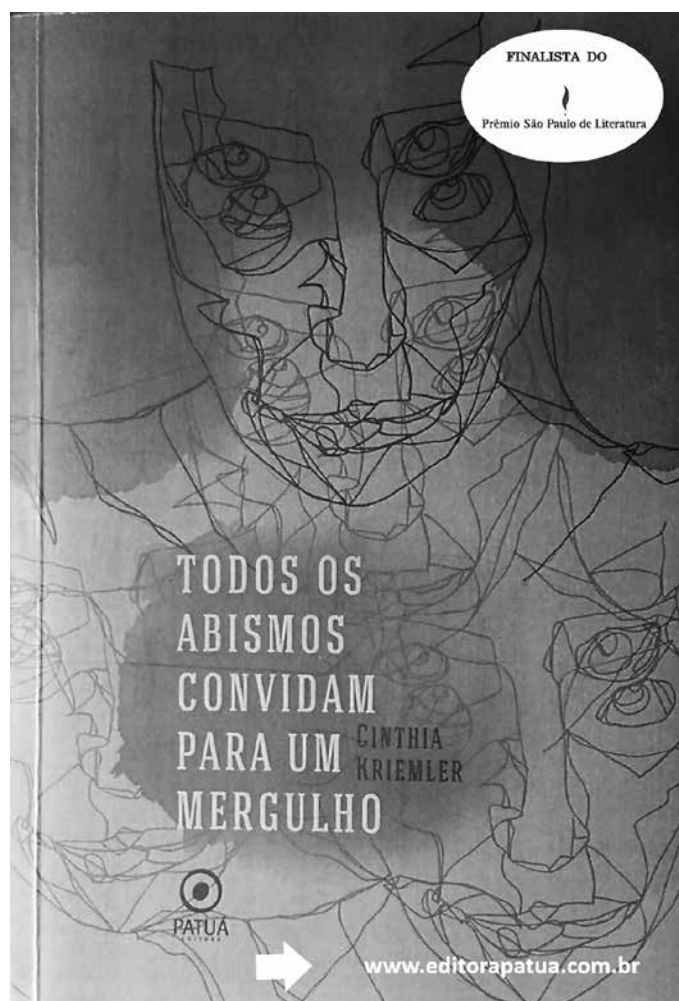
seja pelos embates/discursos da personagem de *Obsceno Abandono* através de e-mails, telefonemas e cartas — soa sempre apaixonada, transbordante, inconformada. Nos três casos, o silêncio ou o distanciamento dos amantes amplia a sua solidão, o abandono, a dor dessas três mulheres.

Embora distintos na forma e no gênero, além de pertencerem a épocas diferentes, esses três textos estão ligados pelos mesmos sentimentos: a dor do abandono e o espírito da paixão. Esse discurso apaixonado e a presença marcante da dor é que dá o tom trágico dessas relações. E o que pesa aí é o modo como as três mulheres se expõem, deixando à mostra sua alma dilacerada, suas fraturas, suas obsessões.

1. Cabe registrar aqui que, em 1992, Marilene Felinto traduziu e fez a apresentação das *Lettres portugaises*, que foram publicadas então pela Imago Editorial. Talvez por isso sua novela dialogue tão intensamente com as cartas da freira portuguesa. Creio que seja também, do seu conhecimento, o texto de Eurípedes, com o qual, pudemos ver, sua novela mantém uma forte ligação.

Referências

- EURÍPEDES. Medéia. Editora Abril, São Paulo, 1980.
- FELINTO, Marilene. Obsceno abandono. Editora Record, Rio de Janeiro, 2002.
- ALCOFORADO, S. M. Cartas de amor de uma freira portuguesa [Lettres portugaises]. Disponível em: <www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/02/Cartas-de-Amor-de-uma-Freira-Portuguesa.pdf
- ALCOFORADO, Mariana. Cartas de amor. Imago, Rio de Janeiro, 1992.
- SÊNECA. Medéia. Edições de Ouro, Rio de Janeiro.
- FILHO, Armando Freitas. Cabeça de homem. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1991.
- BRANDÃO, Junito de Souza. Teatro grego: tragédia e comédia. Editora Vozes, Petrópolis-RJ, 1984.
- VALLE, Marcos; VALLE, Paulo Sérgio. Preciso aprender a ser só. In: REGINA, Elis. São Paulo: 2 na bossa. Philips, 1965. 1 CD. Faixa 2.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização: Paulo Roberto Moraes de Aguiar. Brasília, DF: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009. 512 p.
- MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa. Cultrix, São Paulo, 1983
- CAMUS, Albert. O homem revoltado. Editora Best Seller Ltda, Rio de Janeiro, 2018.



Adriane Garcia

O pão nosso de cada dia

Fim do expediente
Os sapatos de todos
Apertam os pés
(o asfalto vai do chão ao céu)

Uma multidão
Sem sentir
Faz fila
Coleia na avenida

Levo uma carta ao correio
Ponho perfume:
Descobri meu grande amor

Em hora imprópria
Me lembro do crítico
Ele execra
Poesia do cotidiano

Mas numa esquina
Um homem
Tenta vender, aos berros,
O mapa da Ucrânia.

20 ver

João Pedro Teles

Para minha constituição tupiniquim, o frio de julho é um insulto. Por extensas razões. Mas as noites, admito, são bonitas naquela textura pálida meio granulada. Obra da névoa, da distância pro Sol, ou, sei lá, dum filtro do Instagram celestial.

Sob uma dessas noites glaciais, Lua redondíssima, chapada num céu sem estrelas, brilha, daqui do plano terrestre mesmo — mais precisamente do plano da Avenida Andrômeda —, o teimoso neon arroxeadado do videokê cujo nome de trocadilho, por si, já é uma declaração de resistência à indumentária hipster da molecada slow foodiana joseense: 20 Ver.

O estabelecimento reluzia como um prêmio aos que alcançassem aquela profundidade de madrugada. Não somente numa prova de resistência, mas, digamos, de sensibilidade. Porta adentro, uma realidade paralela, uma viagem ao centro da Terra ou um refúgio em uma intocada ferida da urbe.

As condições normais de temperatura e pressão ficam do lado de fora. Na toca do coelho a atmosfera é outra. “Agora você vai ter que me aguentar”, diz estridente e balangandante uma amiga que resistia para entrar dois minutos antes. Ela desaparece e volta minutos depois, duas garrafas de cerveja numa mão, quatro copos na outra.

Comungamos a escuridão do local, curtindo, aos goles descuidados na cerveja, a conjunção melódica dos acordes eletrônicos do videokê com o coro de vozes entusiasmadas esganiçando microfones. Uma catarse cúmplice, um extravaso proletário naquele aguardado quinto dia útil do mês.

“Vamos cantar”, a amiga surge novamente, com folhinhas de rascunho e um lápis na mão. O largo menu tem de tudo, menos “Borbulhas de Amor”,

do Fagner. Logo o hino do videokê, que bola fora. Engulo a frustração na nova rodada de cerveja e escolho um Cazuzza. Exagerado!

Ao melhor estilo gestão de horizontalidade, o videokê não tem palco, não. Há telas espalhadas por todos os cantos da toca. No intervalo entre uma música e outra, uma elétrica funcionária se apressa entre as mesas para levar os dois microfones aos cantores da vez.

Depois do Cazuzza, uma rodada de Raul e, depois do Raul, veio a Vivi. Na verdade verdade, quem veio foi uma amiga da Vivi, a mais corajosa. Elogiou sem muita convicção nossa performance — dividi o microfone com o companheiro de mesa — e se aboletou na cadeira vazia.

Foi aí que veio a Vivi. Sentou-se do meu lado, olhos enormes, cabelos avermelhados enrolados em poesia, perfumados com aroma de xampu recente. Sorria a Vivi. Um sorriso que desabrochava leseira naquela atmosfera frenética.

Minha atenção já era só dela quando, em certa profundidade do nosso papo, afundei uma das mãos nos seus cachos. Porque os cabelos cacheados escondem um prazer dado somente ao tato, como naqueles sacos enormes de feijão, em que mergulhamos a mão quando criança para sentir o toque dos grãos.

Os cabelos da Vivi deslizavam entre meus dedos quando reparei que seus olhos eram amarelos. Foi preciso olhar bem de pertinho. Duas vezes. “Sim, são amarelos. Você reparou”, sorriu. E gastou-se num beijo agradecido. Dançamos. Ela foi embora.

Saí do bar matutando um versinho vagabundo para Vivi: “Pensei que viria para estender uma noitada. Mas descobri que 20 ver”.





A **cor e a textura de uma folha em branco** é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



Uma série de vídeos nos quais o escritor lê trechos e comenta obras de diversos autores.

Inscreva-se e mergulhe no universo literário.  **zagreusw**

whisnerfraga.com.br  **whisnerfragaescritor**   **whisnerfraga**



www.editorapenalux.com.br
[facebook/penaluxeditora](https://facebook.com/penaluxeditora)
- de 50 mil curtidas
Penalux

Envio de originais:
originais@editorapenalux.com.br

Caminhamos para o sexto ano de atividades com mais **600 títulos** no catálogo, reunindo autores de todas as regiões do país, com abrangência em diversos temas, estilos e gêneros.



Publicamos contos, crônicas, poesia, romance, acadêmicos, traduções de clássicos e também literatura estrangeira contemporânea.

Felipe Gomes

Baixo

No fundo,
gosto
do que me faz mal

Aquilo que machuca
endurece
meu pau



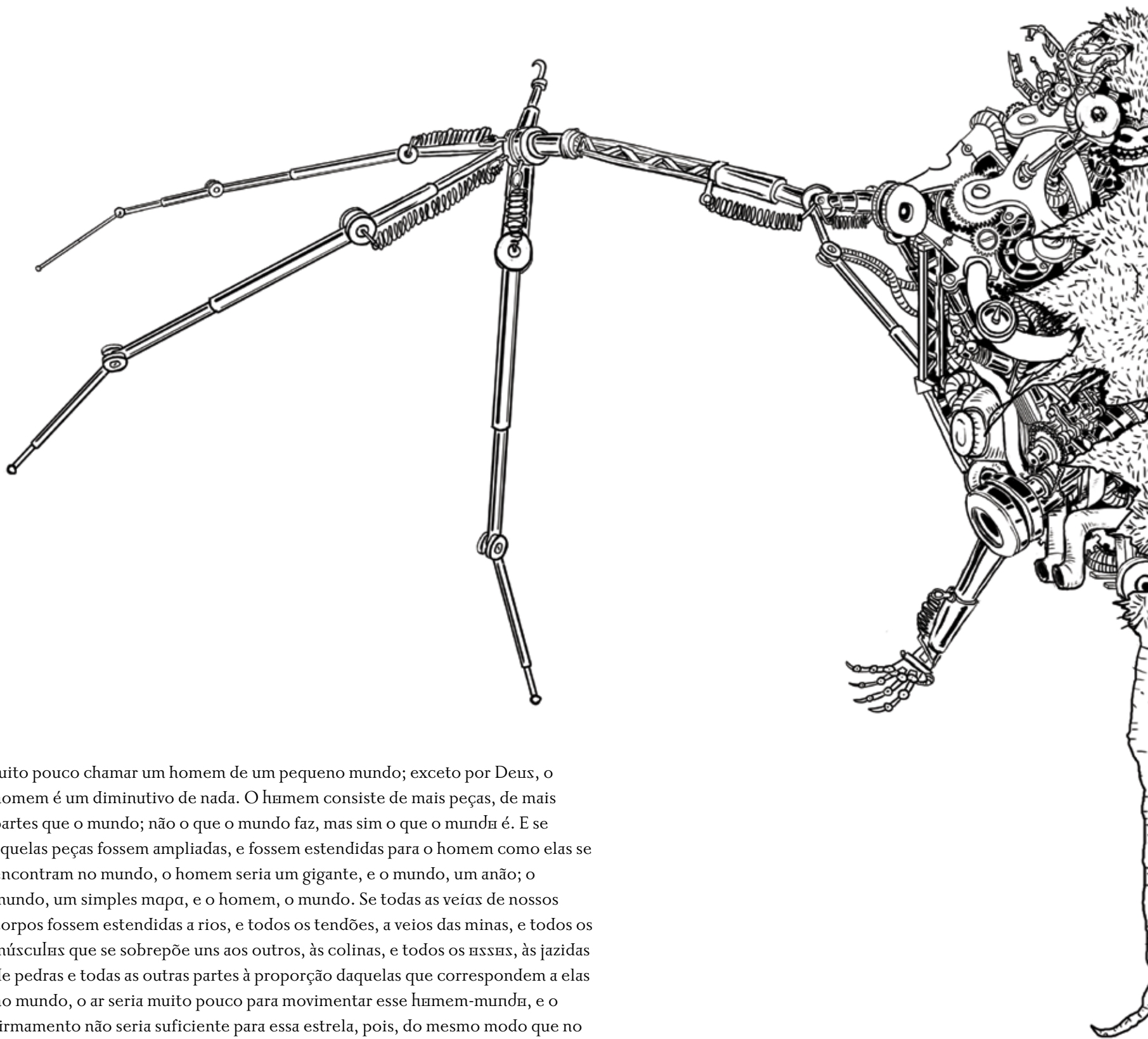
Descubra como será o Profissional do Futuro

**A Pós-Graduação da
Universidade Positivo
prepara você**

Conheça nosso curso de
Jornalismo Literário
Saiba mais em pos.up.edu.br



**UNIVERSIDADE
POSITIVO**



É muito pouco chamar um homem de um pequeno mundo; exceto por Deus, o homem é um diminutivo de nada. O homem consiste de mais peças, de mais partes que o mundo; não o que o mundo faz, mas sim o que o mundo é. E se aquelas peças fossem ampliadas, e fossem estendidas para o homem como elas se encontram no mundo, o homem seria um gigante, e o mundo, um anão; o mundo, um simples mapa, e o homem, o mundo. Se todas as veias de nossos corpos fossem estendidas a rios, e todos os tendões, a veios das minas, e todos os músculos que se sobrepõe uns aos outros, às colinas, e todos os ossos, às jazidas de pedras e todas as outras partes à proporção daquelas que correspondem a elas no mundo, o ar seria muito pouco para movimentar esse homem-mundo, e o firmamento não seria suficiente para essa estrela, pois, do mesmo modo que no mundo todo há coisas nas quais no homem não há representação, também no homem há muitas partes nas quais não há representação no mundo.

John Donne em *Meditações*
Tradução de Fabio Cyrino